

IDEÁRIO CRÍTICO DE MACHADO DE ASSIS

(Breve contribuição para o estudo de sua obra)

I — O CRÍTICO

Sobre Machado de Assis já existe uma bibliografia apreciável, embora cheia de altos e baixos que atingem os extremos da glorificação e da negação de seu valor. O romancista e o contista, por serem estas as feições essenciais do escritor, preferidamente têm sido estudados; depois, o cronista, o poeta, o teatrólogo e o crítico. Preocupada mais com o homem, isto é, com a sua feição moral e psicológica, origem, constituição e doença, a crítica em geral nega, porque esquece, o escritor propriamente dito. Lemos no próprio Machado de Assis esta observação importante: ...“Estou mesmo certo que, em geral, há alguma coisa do escritor” — quer dizer homem — “nas suas obras capitais: muitas vezes as faces da criação são coradas com o próprio sentimento. Mas que vale isso aqui? Do alto destas páginas só conheço a obra e o escritor; o homem desaparece”(1). Não resta dúvida que em alguns ou muitos casos, tratando-se principalmente de crítica em perspectiva histórica, o estudo do homem impõe-se; mas, mesmo assim, não deve ser essa a atitude predominante do analista e intérprete, porque acima dela estão o escritor e a obra. No escritor, o estudo de sua formação cultural, compreendendo época, ambiente, leituras ou fontes que vão esclarecer a obra da qual devemos apontar a mensagem que encerra, visão do mundo, do homem e das coisas e a sua repercussão através do tempo, repercussão que é afirmadora de sua universalidade e da fonte de influências que se tornou.

Ora, quem melhor nos informa do escritor é quase sempre o mesmo escritor com os seus depoimentos, correspondência, ensaios estéticos ou páginas de crítica e com a própria obra artística por ele realizada. No caso de Machado de Assis, há preciosos elementos que se encontram exatamente nos aspectos menos estudados de sua obra: crítica, principalmente, depois crônicas e correspondência (íntima). Temos aí o motivo por que nos aventuramos a escrever este trabalho que é, em primeiro lugar, mais de contribuição para o estudo da obra de Machado de Assis do que de inter-

(1). — Machado de Assis. — *Crítica teatral*, Rio de Janeiro, W. M. Jackson Inc. Editôres, 1938. (Obras, vol. 30.) Pág. 85.

pretação; e, em segundo lugar, a título de exemplo da atitude altamente elogiável, orientada pela modéstia, ciência e consciência da responsabilidade do trabalho literário de um dos escritores de melhor formação da literatura brasileira.

*
* *

Machado de Assis principiou a sua atividade de escritor cuja evolução é perfeitamente normal, equilibrada e sempre ascendente, como crítico e como poeta. Muito cedo, aos dezenove anos de idade (1858), escrevia para *A marmota* de Paula Brito, famoso livreiro da época, os artigos críticos intitulados *O passado, o presente e o futuro da literatura*, tema arrojado, assunto amplo, como bem já o notou Alfredo Pujol, mas do qual o jovem estreante revelou relativo conhecimento(2). Quando surgiu a revista *O futuro* (1862), dirigida por Francisco Xavier de Novais, Machado de Assis foi o escolhido, para escrever nela a nossa crônica literária. E mais tarde, no *Diário do Rio de Janeiro*, então dirigido por Quintino Bocaiúva, recebeu o encargo de criticar os livros novos.

Tão bem iniciado e com tôdas as virtudes de excelente crítico, Machado de Assis não continuou, contudo, a atividade crítica com a regularidade com que a iniciou. Viu-se forçado a abandoná-la, talvez porque público e escritores, (autores e amigos) não souberam dignamente receber a lição do futuro mestre que já se ia revelando, lição cheia de superioridade, independência e sinceridade. É o que depreendemos da crítica de Machado de Assis e o que vemos também com outras palavras em quase todos os que escreveram sobre êle. Mário Matos, um de seus melhores estudiosos, afirma que Machado de Assis "Se não a exerceu militantemente," — refere-se à crítica — "foi por ceder ao temperamento, foi para evitar controvérsia. Mas não por falta de finura e competência. O pouco que disse foi sempre certo"(3). Tem razão Mário Matos, apesar de não ser completa, como o vemos em comparação com as palavras de Alfredo Pujol: "Este profundo senso crítico, disciplinado pelo bom gosto, isento de dogmas, de escolas e de sistemas, e servido por uma rara sinceridade, sempre elevado, refletido e justo, devia fazer de Machado de Assis o supremo mentor de uma literatura. Não o quiseram as gerações novas. Por muito tempo o negaram e combateram. O seu ensaio tão verdadeiro sobre o naturalismo de Eça de Queiroz provocou mais de

(2). — Alfredo Pujol — Machado de Assis, 2.^a ed., Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Editôra, 1934. Págs. 259-260.

(3). — Mário Matos — Machado de Assis — O homem e a obra — Os personagens explicam o autor, S. Paulo, Comp. Editôra Nacional, 1939. (Brasília — Biblioteca Pedagógica Brasileira — série 5.^a — vol. 153.) Pág. 429.

um protesto. Retraiu-se a sua sensibilidade magoada; e, de então por diante, só raramente, em algum período fugitivo de crônica e num ou noutro esbôço, atreveu-se a fazer crítica literária, a propósito de Raul Pompéia, José Veríssimo, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Magalhães de Azeredo, Graça Aranha, Mário de Alencar e raros outros”(4).

Dissemos e é verdade que são poucas as apreciações sobre Machado de Assis considerado como crítico. Poucas, curtas, mas quase sempre elogiosas(5). Procuremos reconstituí-las.

Apesar de não ser propriamente uma afirmação aprofundada, Mário de Alencar(6) acha que Machado de Assis seria um exímio crítico, se tivesse querido sê-lo, pois revelava tôdas as qualidades para êste fim. Sendo a de crítico “a feição principal de seu engenho”, possuía o espírito de análise literária e, de fato, se não persistiu na crítica literária, foi porque o seu meio não lhe ofereceu possibilidades materiais para tais estudos. A propósito, Mário de Alencar quer ver num trecho de uma carta de Machado de Assis, resposta de outra de José de Alencar, nas quais se fala de Castro Alves, aquela conclusão. Machado, porém, escreve sobre a missão espinhosa do crítico, deixando transparecer certo desalento pelos trabalhos de crítica, acima de tudo provocadores de lutas, e claramente afirma que só escreveu seus estudos críticos, porque havia a necessidade da reforma do gosto que se ia perdendo em nossa literatura. A razão de Mário de Alencar é plena, quando considera a delicadeza do espírito de Machado de Assis, incapaz de penetrar em lutas e de ferir os sentimentos alheios. Conclui que o autor de *Quincas Borba* abandonou a crítica e abraçou o conto e o romance, equivalendo dizer que desprezou a análise da obra pela do homem, isto é, dos caracteres, de sua psicologia.

Silvio Romero já discorda que seja a de crítico a feição principal de Machado de Assis, enquanto José Veríssimo escrevê(7) que Mário de Alencar “tem inteira razão de dizer que as suas

(4). — Alfredo Pujol, *ibidem*, págs. 270-271. — A propósito da referência que Alfredo Pujol faz à crítica de Machado de Assis à obra de Eça de Queiroz, achamos oportuno lembrar as palavras do autor de *O crime do padre Amaro* e de *O primo Basílio* escritas em carta a Machado de Assis: ... “Apesar de me ser em geral adverso, quase severo, e de ser inspirado por uma hostilidade quase partidária à Escola Realista — esse artigo todavia pela sua elevação, e pelo talento com que está feito honra o meu livro, quase lhe aumenta a autoridade.” In — *Exposição Machado de Assis* — Centenário do nascimento de Machado de Assis — 1839-1939 — Ministério da Educação e Saúde, Exposições II, Rio de Janeiro, 1939. Pág. 198.

(5). — Além da bibliografia que está sendo citada em notas de rodapé, que acompanham êste trabalho, há outras pequenas e escassas referências sobre o assunto encontradas na bibliografia geral sobre Machado de Assis, o que seria enfadonho citar. Lembramos a bibliografia sobre Machado de Assis, que se acha inventariada na publicação *Exposição Machado de Assis*, ed. cit., e que, apesar de datada de 1939, é a mais completa que existe sobre êle.

(6). — Mário de Alencar — “Advertência,” in — *Crítica literária de Machado de Assis*, ed. cit.

(7). — José Veríssimo — *Letras e literatos*, Rio de Janeiro, Liv. José Olímpio Editora, 1936.

páginas" — refere-se a Machado — "agora ajuntadas sob o título de *Crítica* são uma mostra cabal de que êle era um crítico exímio e seria, querendo-o, um dos melhores que já escreveram na língua portugueza". Considera José Veríssimo que "é em suma impressionista a crítica de Machado de Assis. Servem-na, porém, peregrinos dons de psicólogo" "e uma rara sensibilidade literária. Versadíssimo no melhor das literaturas, e de mais a mais espírito de singular finura e penetração, e por isto mesmo desabusado das modas intelectuais e hostil a todo pedantismo, Machado de Assis não considera a crítica senão sob o aspecto da impressão feita no seu espírito pela obra literária." E já concluindo suas apreciações sobre "Machado de Assis, crítico", acrescenta José Veríssimo: "Em suma, Machado de Assis, sem ter feito officio de crítico, é, como tal, um dos mais competentes e mais sinceros que temos tido." "Ninguém mais do que êle poderia ter exercido com a utilidade que lhe reconhecia, a crítica "doutrinária, ampla, elevada", a crítica como atividade literária efetiva."

José de Alencar (8) também, dirigindo-se ao próprio Machado de Assis, o eleva à qualidade de "o único de nossos modernos escritores, que se dedicou sinceramente à cultura dessa difícil ciência que se chama crítica" e batiza-o como "primeiro crítico brasileiro".

Às apreciações de Veríssimo, considerando Machado de Assis um crítico com "dons de psicólogo" e de sensibilidade estética, podemos juntar a apreciação de Wilhelm Giese que, já no final do seu artigo sobre Machado, escreve: "os dotes psicológicos e o fino sentimento estético fazem dêsse pesquisador da alma humana, que é Machado de Assis, um romancista e também um crítico (*Crítica*, 1913) a quem o Brasil deve inúmeras contribuições de valor" (9).

E ao lado de todos os enaltecedores das virtudes críticas de Machado de Assis, concordando particularmente com José Veríssimo, lembramos ainda Mário Matos e Alfredo Pujol, dois destacados e equilibrados intérpretes do escritor. Mário Matos resalta-lhe a independência em face das escolas, afirmando que êle se subordinava apenas ao bom gosto, para melhor estudar as obras em si mesmas. Como Veríssimo, considera-o impressionista, e, apesar de declarar que Machado de Assis nada concluia afirmativamente, aponta-lhe como qualidade de relêvo a honestidade mental de quem sabia dizer aos amigos mais íntimos as verdades da crítica (10).

(8). — José de Alencar — "Um poeta" — carta a Machado de Assis, in — Castro Alves — REVISTA da Academia Brasileira de Letras, 1921, Rio de Janeiro.

(9). — Wilhelm Giese — "Machado de Assis estudado por" . . . — in — Suplemento literário de A Manhã, Rio de Janeiro, número de 28-9-1941.

(10). — Mário Matos, *ibidem*, págs. 425-426.

Alfredo Pujol, mesmo admitindo que a modéstia, a simplicidade dos juízos e a indecisão nos conceitos de Machado de Assis, provinham-lhe da timidez e da tristeza congênita, pelo que “não dizia inteiramente bem, nem inteiramente mal dos homens, dos fatos ou dos livros submetidos à sua crítica”, o que é para nós bastante discutível, acrescenta elogiosamente: “Apesar dessa feição natural do seu temperamento, a isenção do seu espírito, o seu horror do dogmatismo, a sua profunda sensibilidade estética e as suas raras faculdades de abstração valeram-lhe desde moço o primeiro lugar entre os seus contemporâneos, no domínio da crítica”(11).

Alfredo Pujol vê ainda na crítica de Machado de Assis uma outra grande virtude que foi o seu propósito da afirmação na literatura brasileira dos traços de nossa nacionalidade, o que é exato e louvável; mas não tem razão, quando afirma que “foi Machado de Assis quem primeiro agitou” essa necessidade então bem viva(12). As idéias de nacionalização de nossa literatura datam realmente das origens do romantismo no Brasil, com ponto de partida nas críticas de Ferdinand Denis e de Garrett(1826), retomadas pela Sociedade Filomática de S. Paulo (1833) e pelo grupo de Gonçalves de Magalhães primeiramente em Paris (1836) e depois no Rio de Janeiro (1837 em diante).

Sem dúvida mais interessante do que estas citações de apreciações sobre Machado de Assis, crítico, é a sua própria concepção de crítica. Possuído de escrupulosidade, idoneidade e honestidade intelectual, para Machado de Assis era árdua a tarefa do crítico e lamentável que entre nós fôsse exercida por incompetentes (refer-se à crítica brasileira, em 1865). Desta última situação resultava uma ausência de segura orientação para poetas e escritores, a oscilarem entre a palavra do crítico e a opinião pública, sem jamais serem detentores do mérito justo que lhes fôsse devido. Pois, se não existisse orientação de valor, afirmar-se-ia também a funesta consequência em virtude da qual só escassamente surgiria uma obra de projeção. Mas evitaríamos a falência de nossa literatura, se por ventura cultivássemos uma crítica nobre, profunda, elevada, séria, e na qual “o ódio, a camaradagem e a indiferença, — essas três chagas da crítica de hoje” — fôssem substituídas pela sinceridade, solicitude e justiça.

Uma das condições primordiais do crítico é o cultivo da “ciência literária”, afirma Machado de Assis, numa libertação daquilo que se limita ao domínio da imaginação. A crítica é acima de tudo análise, e através dela o crítico, meditando profundamente sobre a obra criticada, deve buscar do livro “o sentido íntimo, aplicar-lhe as leis políticas, ver enfim até que ponto a imaginação e a verdade conferenciaram para aquela produção.” Se a crítica deve ser me-

(11). — Alfredo Pujol, *ibidem*, pág. 261.

(12). — *Idem*, *ibidem*, pág. 268.

ditada, é claro que não deve nascer de uma rápida leitura, reproduzindo apenas "impressões de um momento": nela deve haver ciência e consciência. Porque, na ausência de probidade, de convicção sincera e fundamentada, de justa imparcialidade, o crítico jamais deve proferir o seu julgamento sobre qualquer obra; ao demais, a missão do crítico é alicerçada e como que estruturada na verdade e não proposta a ser "uma profissão de rosas". O crítico deve ser coerente, possuir independência, sentir-se seguramente firme contra qualquer pessoalismo, dentro da imparcialidade que permite justamente indicar o valor da obra de mérito ou a insuficiência da obra fraca, sem distinção de autor. Também deve haver tolerância com a justa valorização da obra que não deve ser condenada só pelo fato de pertencer a uma corrente literária que não esteja de acordo com as preferências pessoais do crítico. E se por fim adicionarmos a tudo isto a condição de urbanidade, isto é, a delicadeza e a distinção tanto no modo de realçar o valor, como no de expor a ausência deste elemento vital de qualquer obra, e "a virtude da perseverança, teremos completado o ideal do crítico". Em remate, Machado de Assis considera que a crítica assim concebida e de tal modo posta em prática, seria realmente útil e favoreceria o desenvolvimento de uma fértil e produtiva literatura, num esclarecimento proveitoso aos jovens estreantes do verdadeiro sentido da arte(13).

Longe, não há dúvida, esteve Machado de Assis de escrever uma teoria da crítica literária, e creio mesmo não ter sido este o seu propósito. Nada mais pretendeu que expor sistematicamente seu pensamento próprio sobre as qualidades e a função do crítico, num trabalho de orientação, aliás incompleto, sem preocupação de doutrina. Devemos levar em conta, também, que escreveu daquela forma, para atender a uma necessidade de momento, qual fosse a de revigorar a fraqueza da crítica da literatura brasileira de então.

Sem pretender generalizar, vemos que o processo crítico de Machado de Assis é dominado por uma espécie de lugar comum que sempre existiu na atividade da crítica: a análise ou como que a dissecação do conteúdo da obra ou do trecho, do enredo do romance criticado. Toma-o a crítica, resume-o ou expõe-no, acha que tal situação é humana, mas aquela outra impossível, inverossímil, artificial, com situações arranjadas para a salvação do livro e de sua unidade. Leva-se em conta, porém, que tudo é motivo, quer dizer, pode ser tomado como motivo, e, apenas, entre o que há de possível e real e o que há de arranjado e sem correspondência na realidade, deve o analista fazer a devida distinção, para, em relação ao que for verdadeiro, poder ajuizar do valor social ou humano da obra, mas sempre tendo em vista a coerência da criação

(13). — Machado de Assis — *Crítica literária*, Rio de Janeiro, W. M. Jackson Inc. Editores, 1938. (Obras, vol. 29.) Págs. 11-19.

artística. Sobretudo, motivo é motivo, fonte de inspiração, alma de uma forma que deve ser perfeita para a realização do belo ou da arte. Qualquer motivo é aceitável, sem restrições, contanto que possibilite ao artista a criação da verdadeira obra de arte.

A crítica — e sem dúvida não se trata de uma generalização absoluta — busca o sentido social e de pensamento, filosófico e estético da obra criticada. Deve o quanto possível reproduzir a marcha evolutiva da obra total do criticado, da primeira à última página, acompanhando-lhe o seu pensamento, a concepção artística, conjecturando quando fôr indispensável, apresentando as características de cada produção de relêvo e da obra total, revelando o pensamento do escritor em todos os sentidos; enfim, deve esclarecer a obra em face da formação do escritor e do seu momento histórico; e ainda da obra, apontando as qualidades estilísticas e estéticas. Que se faça isto o quanto possível com imparcialidade e fidelidade e que depois se prossiga na crítica apreciadora, de censura, de julgamento, de sugestão e correção, isto é, orientadora, principalmente no caso de estreates.

Eis em síntese o que nos sugere a crítica de Machado de Assis e o que também vemos nela em maior ou menor grau. Acrescente-se, finalmente, a qualidade predominante da crítica machadiana — o impressionismo, mas impressionismo orientado pelo bom gosto, coerência, justeza, considerável leitura.

Contudo, perguntamos: Machado de Assis correspondeu, na prática, à sistematização teórica de um processo crítico próprio, quer dizer, por êle mesmo idealizado? Vejamos. Além do que já dissemos, praticou a crítica plenamente dentro daquelas virtudes de distinção, delicadeza, urbanidade, moderação e justeza nos conceitos, qualidades que exigiu do crítico. Também exerceu o seu ideal de crítica orientadora, até certo ponto simplesmente expositiva, tendendo sempre para o comparativo. Resume a composição, sugere emendas, moderação, equilíbrio, mudança de situação, de certos particulares de cada cena, numa espécie de correção técnica notadamente do romance, de cujo drama sempre exige verossimilhança ou como que a indispensável ligação da ação do romance com a realidade que, para Machado de Assis, no que diz respeito à prosa de ficção, é igual à "verdade moral".

Ainda mais, reservado com as afirmações e até certo ponto sem subordinar o autor a ditames de escola literária, sempre estimula e lisonjeia o criticado, quando lhe propõe uma correção, lhe faz uma censura ou o elogio. Mas, com a sua atitude de corrigir com frase timidamente delicada, às vezes traz dificuldades de compreensão para o leitor que pode ser levado à confusão.

É infelizmente num ponto que êle julga importante para o crítico, qual seja o equilíbrio, a completa segurança dos conceitos, das afirmações, do julgamento, para evitar contradições, Machado de Assis às vezes se revela indeciso. Para não citar outros exem-

plos, vejamos à página 135 da *Crítica literária* (edição citada), num trabalho datado de 1873, essa afirmativa: "...a literatura brasileira, literatura que não existe ainda, que mal poderá ir alvorecendo agora." Comparemos com o que está escrito à página 158 do mesmo livro, num trabalho de 1875: "A literatura brasileira é uma realidade"... Em todo caso, essa evolução das nossas idéias é um fato perfeitamente normal e mesmo necessário.

*
* * *

II — IDEÁRIO CRÍTICO DE MACHADO DE ASSIS (14).

1 — A CRÍTICA LITERÁRIA

"Estes e outros pontos cumpria à crítica estabelecê-los, se tivéssemos uma crítica doutrinária, ampla, elevada, correspondente ao que ela é em outros países. Não a temos. Há e tem havido escritos que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influência cotidiana e profunda que deveriam exercer. A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e cduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam." (I, pág. 140, 1873.)

"Julgar de uma composição pelo que toca às ofensas feitas à moral, às leis e à religião, não é discutir-lhe o mérito puramente literário, no pensamento criador, na construção cênica, no desenho dos caracteres, na disposição das figuras, no jôgo da língua.

"Na segunda hipótese há mister de conhecimentos mais amplos, e conhecimentos tais que possam legitimar uma magistratura intelectual. Na primeira, como disse, basta apenas meia dúzia de vestais e duas ou três daquelas fidalgas devotas do rei de Mafra. Estava preenchido o fim.

"Julgar do valor literário de uma composição, é exercer uma função civilizadora, ao mesmo tempo que praticar um direito do espírito; é tomar um carácter menos vassalo, e de mais iniciativa e deliberação." (II, págs. 22-23, 1859.)

"Não é esta a missão de um Conservatório dramático. Antes negar a inteligência que limitá-la ao estudo enfadonho das indecências, e marcar-lhe as inspirações pelos artigos de uma lei viciosa." (II, pág. 23, 1859.)

"Dois são, ou devem ser, os fins desta instituição: o moral e o intelectual. Preenche o primeiro na correção das feições menos decentes das concepções

(14). — Das críticas de Machado de Assis, reunidas nos dois volumes — *Crítica literária* (ed. cit.) e *Crítica teatral* (ed. cit.), extraímos as suas principais idéias, conceitos, opiniões sobre a literatura, a atividade literária, o escritor. Procuramos, nesta segunda parte do nosso trabalho, distribuir essas idéias, conceitos e opiniões em grupos que apresentam a unidade de pensamento que nos foi possível encontrar e aos quais damos o devido título. Copiamos exatamente o pensamento de Machado de Assis e, para melhor orientação do leitor, indicamos data e, quando necessário, a obra ou o escritor a propósito do qual Machado de Assis escreveu. Ao livro *Crítica literária* nós damos o número — I — e ao de *Crítica teatral*, o número — II —. Estas indicações que ficam entre parênteses, no final de cada transcrição, obedecem à seguinte disposição: I, pág., data, obra, autor.

dramáticas; atinge ao segundo analisando e decidindo sobre o mérito literário — dessas mesmas concepções.” (II, pág. 20, 1859, s/ **O Conservatório dramático.**)

“Admira-se da minha franqueza, querida leitora? Pois eu não. Estou acostumado com os críticos de além-mar — penas de ferro, de ferro, que não torcem, estilo **tranchant** que não orna de rodeios o pensamento, como os selvagens ornavam de flores a vítima que conduziam ao suplício.” (II, págs. 133-134, 1859.)

..... “A piedade não é de certo razão determinativa em pontos de crítica, e tal poetastro haverá que, sucumbindo a uma grande injustiça social, somente inspire compaixão sem desafiar a análise.” (II, pág. 301, 1879.)

“Qualquer que seja o grau da impressão do leitor, fio que não a terá exclusivamente benigna nem exclusivamente severa, mas ambas as coisas a um tempo, que é o que convém à nova geração.” (I, pág. 252, 1879.)

..... “É que nas estréias a crítica deve colocar-se terra-a-terra, para apanhar assim impressões mais vivas e mais de perto; se se levantar às eminências da arte, como Anteu na torre, pode ouvir mal a nova palavra da arte.” (II, pág. 94, 1859.)

..... “Em matéria de arte eu não conheço suscetibilidades nem interesses. Emancipem o espirito, não de respeitar-lhe as decisões.” (II, pág. 24, 1859.)

..... “Realmente, criticados que se desforçam de críticas literárias com impropérios dão logo idéia de uma imensa mediocridade — ou de uma fatuidade sem freio — ou de ambas as coisas; e para lances tais é que o talento, quando verdadeiro e modesto, deve reservar o silêncio do desdém: **Non racionar de lor, ma guarda, e passa.**

“Não é comum suportar a análise literária; raríssimo suportá-la com gentileza. Daí vem a satisfação da crítica quando encontra essa qualidade em talentos que apenas estreiam. A crítica sai então da turba-multa das vaidades irritadiças, das vocações do anfiteatro, e entra na região em que o puro amor da arte é anteposto às ovações da galeria.” (I, págs. 236-237, 1879.)

2 — ATITUDE CRÍTICA DE MACHADO DE ASSIS

“As Cinzas de um livro, com que o poeta pôs fecho ao livro, revela as qualidades de forma de todos os versos, mas não me merece a menção das páginas antecedentes: **Cinzas de um livro** é o contraste de **Aninhas**; **Aninhas** me agradam mais, pelo sentimento que inspiram e pelas impressões que deixam no espírito de quem as lê.” (I, pág. 34, 1862, s/ **Flores e frutos** de Bruno Seabra.)

“Protesto desde já uma severa imparcialidade, imparcialidade de que não pretendo afastar-me uma vírgula; simples revista sem pretensão a oráculo, como será este folhetim, dar-lhe-ei um carácter digno das colunas em que o estampo. Nem azorraque, nem luva de pelica; mas a censura razoável, clara e franca, feita na altura da arte e da crítica.

“Estes preceitos, que estabeleço como norma do meu proceder, são um resultado das minhas idéias sobre a imprensa, e de há muito que condeno os europeús da letra redonda, assim como as intrigas mesquinhas, em virtude de que muita gente subscreve juízos menos exatos e menos de acôrdo com a consciência própria.” (II, pág. 159, 1860.)

... "cremos que ninguém haverá que, depois de ler atenta e desprevedidamente as peças de que tratamos, não se convença de que exprimimos a verdade, com a franqueza digna do poeta e da crítica. Em outra ocasião veremos as comédias do Snr. Dr. Macedo e procuraremos usar da mesma imparcialidade e dos mesmos conselhos." (II, pág. 272, 1866.)

..... "Para os que amam as letras, êsse regresso foi uma triste decepção. Não nos pesa dizê-lo ao autor da *Nebulosa*; pesar-nos-ia afirmar o contrário, porque seria esconder-lhe a nossa convicção profunda; e longe de servi-lo, contribuiríamos para estas reincidências fatais à boa fama do seu nome. O poeta Terêncio faz uma observação exata quando lembra que a mentira faz amigos e a verdade adversários; respeitamos a convicção dos amigos do poeta, mas não temos a mesma convicção; e é por não tê-la que nos vemos obrigados a contrariar idéias recebidas, mesmo com risco de sermos inscritos entre os adversários do distinto escritor." (II, págs. 256, 1866, s/ J. M. de Macedo.)

"O autor da *Nebulosa* e da *Moreninha* tem jus ao nosso respeito, já por seus talentos, já por sua reputação. Nem a crítica deve destinar-se a derrocar tudo quanto a mão do tempo construiu, e assenta em bases sólidas. Todavia, respeito não quer dizer adoração estrepitosa e intolerante; o respeito nesse caso é uma nobre franqueza, que honra tanto a consciência do crítico, como o talento do poeta; a maior injúria que se pode fazer a um autor é ocultar-lhe a verdade, porque faz supor que êle não teria coragem de ouvi-la. Nem tôdas as horas são próprias ao trabalho das musas; há obras menos cuidadas e menos belas, entre outras mais belas e mais cuidadas; apontar ao poeta quais elas são e porque o são, é servir diretamente à sua glória. Por agora só nos ocuparemos com o último livro do sr. dr. Macedo; applicando aquellas máximas salutareas à ligeira análise que vamos fazer, falaremos sem rodeios nem disfarce, procuraremos ver se o autor atendeu a tôdas as regras da forma escolhida, se fez obra d'arte ou obra de passatempo, e resumindo a nossa opinião em termos claros e precisos, teremos dado ao autor do *Culto do dever* o culto de uma nobre consideração." (I, págs. 61-62, 1866, s/ *O culto do dever* de J. M. de Macedo.)

..... "A posteridade só recebe e aplaude aquilo que traz em si o cunho do belo; ao ler as peças do Snr. Dr. Macedo dá vontade de perguntar se êle não tem em conta alguma as leis da arte e os modelos conhecidos, se observa com atenção a natureza e os seus caracteres, finalmente, se não está disposto a ser positivamente um artista e um poeta. Em matéria dramática, se fizermos uma pequena exceção, a resposta é negativa." (II, pág. 268, 1866, s/ o teatro de J. M. de Macedo.)

..... "Reconhecendo os serviços do poeta em relação à arte dramática, o bom exemplo que deu, a consciência com que procurou haver-se no desempenho de uma missão tôda voluntária, nem por isso lhe occultaremos que, aos nossos olhos, as suas tendências não são dramáticas; isto pôsto, crescem de vulto as belezas das suas peças, do mesmo modo que lhe diminuem as imperfeições." (II, pág. 227, 1866, s/ o teatro de J. M. de Macedo.)

"Apreciaremos o novo poema nacional com a consciência e imparcialidade que costumamos usar nestes escritos, — o que não exclui a admiração e a simpatia pelo autor. A nossa máxima literária é simples: aprender investigando." (I, pág. 111, 1866, s/ o poema *Colombo* de Araújo Porto-Alegre.)

..... "Disse comigo: — Êste homem tem faculdades de artista, dispõe de um estilo de boa têmpera, tem observação; mas o seu livro traz defeitos que me parecem graves, uns de concepção, outros da escola em que o autor é aluno, e onde aspira a tornar-se mestre; digamos-lhe isto mesmo, com a cla-

reza e franqueza a que têm jus os espíritos de certa esfera. — E foi o que fiz, preferindo às generalidades do diletantismo literário a análise sincera e a reflexão paciente e longa. Censurei e louvei, crendo haver assim provado duas coisas: a lealdade da minha crítica e a sinceridade da minha admiração." (I, págs. 175-176, 1878, s/ **O primo Bazílio** de Eça de Queiroz.)

"Fôra talvez severo se não praticasse assim; mas eu não sou destruidor, e reparo apenas e como posso aquilo que posso aplaudir como devo. É a norma do meu carácter." (II, págs. 94-95, 1859.)

... "Como se vê, a nossa apreciação é rápida, tendo por fim, resumir o nosso pensamento, acêrca de um livro que merece a atenção da análise, e de um poeta que tem jus ao aplauso dos entendedores." (I, págs. 104-105, 1866.)

"O que aí vai escrito são rápidas impressões vertidas para o papel sem ordem, nem pretensão a crítica. Se me estendi na menção daquilo que chamg defeitos da poesia do sr. Castilho Antônio, mestre na literatura portugüesa, é porque pode induzir em êrro os que forem buscar lições na suas obras; é comum aos discípulos tirarem aos mestres o mau de envolta com o bom, como ouro que se extrai de envolta com a terra." (I, pág. 27, 1862.)

"Diante desta questão confesso-me incompetente;" ... (I, pág. 28, 1862.)

... "acho-me agora com apreensões muito fugitivas para uma crítica precisa e imparcial." (II, pág. 98, 1859.)

"Estas ligeiras observações são o apanhado de uma só noite, e ressentem-se de indecisão. O espirito público está talvez mais adiantado do que o meu; mas a crítica tem por fim analisar, e para analisar completamente há mister de conhecimentos mais latos e documentos mais verdadeiros." (II, pág. 93, 1859.)

..... "Nem a lingua, nem a poética da lingua conheço eu de maneira que possa aventurar juizo seguro." (I, pág. 131, s/d.)

..... "Não direi, com Buffon, que o gênio é a paciência; mas creio poder afirmar que a paciência é a metade da sagacidade: ao menos, na crítica. "Nem basta ler; é preciso comparar, deduzir, aferir a verdade do autor." (I, pág. 180, 1879.)

..... "**Sombra e luz**, romance histórico, que tenho diante dos olhos, é o terceiro livro dêste gênero que o sr. B. Pinheiro dá à publicidade. **Arzila** e a **Silha do povo** foram os dois primeiros." (I, pág. 48, 1863.)

... "um livro de versos, que não só não desmentem dos versos anteriores, mas ainda se pode dizer que os vencem e mostram no talento do poeta um grau de perfeição crescente." (I, pág. 308, 1902.)

..... "Vamos lê-los com afeição, com serenidade, e com esta disciplina de espirito que convém exemplificar aos rapazes." (I, pág. 202, 1879.)

... "alguém que, na crítica e na poesia, despendeu alguns anos de trabalho, não fecundo nem grande, mas assíduo e sincero; alguém que para os recém-chegados há de ter sempre a advertência amiga e o aplauso oportuno." (I, pág. 255, 1879.)

"Para estudiosos tais são necessários os louvores, não sômente como prêmio e animação a êsses, mas ainda como estímulo a outros. Que o sr. Homem de Melo prossiga nas suas investigações histórico-políticas e que outros

o imitem em trabalhos tão sérios, é o mais legítimo desejo de quem ama a vitória do pensamento e da verdade." (I, pág. 47, 1863.)

..... "O contraste não podia ser maior; saíamos de uma comédia que contrariava os nossos sentimentos e as nossas idéias, e assistíamos ao melhor de todos os dramas nacionais até hoje representados;"... (II, pág. 243, 1866, refere-se ao drama *Mãe* de José de Alencar.)

3 — POSIÇÃO LITERARIA DE MACHADO DE ASSIS

"As minhas opiniões sobre teatro são ecléticas em absoluto. Não subscrevo, em sua totalidade, as máximas da escola realista, nem aceito, em toda a sua plenitude, a escola das abstrações românticas; admito e aplaudo o drama como forma absoluta do teatro, mas nem por isso condeno as cenas admiráveis de Corneille e de Racine.

"Tiro de cada coisa uma parte, e faço o meu ideal de arte, que abraço e defendo.

"Entendo que o belo pode existir mais revelado em uma forma menos impecável, mas não é exclusivo de uma só forma dramática. Encontro-o no verso valente da tragédia, como na frase ligeira e fácil com que a comédia nos fala ao espirito." (II, págs. 159-160, 1860.)

"A leitora sabe que o clássico não é o meu forte; aplaudo-lhes (sic) os traços bons, mas não o aceito como forma útil ao século. Digo forma útil, porque eu tenho a arte pela arte, mas a arte como a toma Hugo, missão social, missão nacional e missão humana." (II, pág. 132, 1859.)

"O *Asno morto* pertence à escola romântica e foi ousado pisando a cena em que tem reinado a escola realista. Pertencço a esta última por mais sensata, mais natural, e de mais iniciativa moralizadora e civilizadora. Contudo não posso deixar de reconhecer no drama de sábado passado um belo trabalho em relação à escola a que pertence." (II, págs. 30-31, 1859, s/ a trad. do drama *Asno morto* de Barrière.)

..... "Eu, que não falo com as loucas pretensões de partido em arte,"... (II, pág. 35, 1859.)

"Estranhei o anúncio do *Sineiro de S. Paulo*. Não me pareceu coerente arrancar do pó do arquivo aquêl drama, velho na forma e no fundo, pautado sobre os preceitos de uma escola decaída, limpo totalmente de mérito literário.

"Estamos no meio-dia do século. A arte, como todos os elementos sociais, tem se apurado, e o termo em que tocou, é tão avançado já, que nenhuma força conservadora, poderá fazê-la retroceder.

"Assim, reprouvei inteiramente aquela exumação. O *Sineiro de S. Paulo* não podia satisfazer às necessidades do povo, nem justificava um longo estudo de desempenho.

"São fáceis de conceber estas asserções; e eu que as escrevo, conto com os espíritos que vêm na arte, não uma carreira pública, mas uma aspiração nobre, uma iniciativa civilizadora e um culto nacional." (II, págs. 98-99, 1859.)

..... "O que deploro desde já é a tendência arqueológica de pôr à luz da atualidade essas composições-múmias, regalo de antepassados infantes que mediam o mérito dramático de uma peça pelo número dos abalos nervosos." (II, pág. 100, 1859.)

4 — O REALISMO

... "a realidade é boa, o realismo é que não presta para nada." (I, pág. 239, 1879.)

... "o realismo também inculca vocação social e apostólica,"... (I, pág. 169, 1878.)

..... "Em que pode um drama de Israel, uma comédia de Atenas, uma locução de Shakespeare ou de Gil Vicente justificar a obscenidade sistemática do realismo? Diferente coisa é a indecência relativa de uma locução, e a constância de um sistema que, usando aliás de relativa decência nas palavras, acumula e mescla tôda a sorte de idéias e sensações lascivas; que, no desenho e colorido de uma mulher, por exemplo, vai direito às indicações sensuais.

"Não peço, de certo, os estafados retratos do romantismo decadente; pelo contrário, alguma coisa há no realismo que pode ser colhido em proveito da imaginação e da arte. Mas sair de um excesso para cair em outro, não é regenerar nada: é trocar o agente da corrupção." (I, págs. 183-184, 1878, a propósito de **O primo Bazílio** de Eça de Queiroz.)

"Talvez êstes reparos sejam menos atendíveis, desde que o nosso ponto de vista é diferente. O sr. Eça de Queiroz não quer ser realista mitigado, mas intenso e completo; e daí vem que o tom carregado das tintas, que nos assusta, para êle é simplesmente o tom próprio. Dado, porém, que a doutrina do sr. Eça de Queiroz fôsse verdadeira, ainda assim cumpria não acumular tanto as côres, nem acentuar tanto as linhas; e quem o diz é o próprio chefe da escola, de quem li, há pouco, e não sem pasmo, que o perigo do movimento realista é haver quem suponha que o traço grosso é o traço exato." (I, pág. 173, 1878, a propósito de **O primo Bazílio**, de Eça de Queiroz.)

..... "Não se conhecia no nosso idioma aquela reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis. Pela primeira vez, aparecia um livro em que o escuso e o — digamos o próprio termo, pois tratamos de repelir a doutrina, não o talento, e menos o homem — em que o escuso e o tôrpe eram tratados com um carinho minucioso e relacionados com uma exação de inventário." (I, págs. 162-163, s/ o realismo de Eça de Queiroz.)

..... "Se eu tivesse de julgar o livro pelo lado da influência moral, diria que, qualquer que seja o ensinamento, se algum tem, qualquer que seja a extensão da catástrofe, uma e outra coisa são inteiramente destruídas pela viva pintura dos fatos viciosos: essa pintura, êsse aroma de alcova, essa descrição minuciosa, quase técnica, das relações adúlteras, eis o mal. A castidade inadvertida que ler o livro chegará à última página, sem fechá-lo, e tornará atrás para reler outras." (I, págs. 184-185, 1878, s/ **O primo Bazílio** de Eça de Queiroz.)

..... "Pois que havia de fazer a maioria, senão admirar a fidelidade de um autor, que não esquece nada e não oculta nada? Porque a nova poética é isto e só chegará à perfeição no dia em que nos disser o número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha." (I, pág. 163, 1878, a propósito de **O crime do padre Amaro** de Eça de Queiroz.)

..... "O realismo não conhece relações necessárias, nem acessórias, sua estética é o inventário." (I, pág. 230, 1879.)

"Ia-me esquecendo uma bandeira hasteada por alguns, o realismo, a mais frágil de tôdas, porque é a negação mesma do princípio da arte. Importa dizer que tal doutrina é aqui defendida, menos como a doutrina que é, do que como expressão de certa nota violenta, por exemplo, os sonetos do Sr. Carvalho Júnior. Todavia, creio que de tôdas as que possam atrair a nossa mocidade, esta é a que menos subsistirá, e com razão; não há nela nada que possa seduzir longamente uma vocação poética. Neste ponto tôdas as escolas se congraçam; e o sentimento de Racine será o mesmo de Sófocles. Um poeta, V. Hugo, dirá que há um limite intrascendível entre a realidade, segundo a

arte, e a realidade, segundo a natureza. Um crítico, Taine, escreverá que, se a exata cópia das coisas fôsse o fim da arte, o melhor romance ou o melhor drama seria a reprodução taquigráfica de um processo judicial. Creio que aquêle não é clássico, nem este romântico. Tal é o princípio são, superior às contendas e teorias particulares de todos os tempos." (I, págs. 195-196, 1879.)

... "uma poesia sensual, a que, por inadvertência, se chamou e ainda se chama realismo." (I, pag. 203, 1879.)

..... "Resta-me concluir, e concluir aconselhando aos jovens talentos de ambas as terras da nossa língua, que não se deixem seduzir por uma doutrina caduca, embora no verdor dos anos. Este messianismo literário não tem a força da universalidade nem da vitalidade; traz consigo a decrepitude. Infilui, de certo, em bom sentido e até certo ponto, não para substituir as doutrinas aceitas, mas corrigir o excesso de sua aplicação. Nada mais. Voltemos os olhos para a realidade, mas excluamos o realismo; assim não sacrificaremos a verdade estética." (I, pag. 185, 1878.)

5 — A ATITUDE ESTÉTICA DAS NOVAS GERAÇÕES E O PASSADO

..... "A nova geração chasqueia às vêzes do romantismo. Não se pode exigir da extrema juventude a exata ponderação das coisas; não há impor a reflexão ao entusiasmo. De outra sorte, essa geração teria advertido que a extinção de um grande movimento literário não importa a condenação formal e absoluta de tudo o que êle afirmou; alguma coisa entra e fica no pecúlio do espírito humano. Mais do que ninguém, estava ela obrigada a não ver no romantismo um simples interregno, um brilhante pesadelo, um efeito sem causa, mas alguma coisa mais que, se não deu tudo o que prometia, deixa quanto basta para legitimá-lo. Morre porque é mortal. "As teorias passam, mas as verdades necessárias devem subsistir." Isto que Renan dizia há poucos meses da religião e da ciência, podemos aplicá-lo à poesia e à arte. A poesia não é, não pode ser eterna repetição; está dito e redito que ao período espontâneo e original sucede a fase da convenção e do processo técnico, e é então que a poesia, necessidade virtual do homem, forceja por quebrar o molde e substituí-lo." (I, págs. 187-188, 1879.)

... "não sômente as teorias literárias cansam, mas também as formas literárias precisam ser renovadas." (I, pag. 199, 1879.)

..... "Mas não basta à poesia ser o resultado geral da crítica do tempo; e sem cair no dogmatismo, era justo afirmar alguma coisa mais. Dizer que a poesia há de corresponder ao tempo em que se desenvolve, é sômente afirmar uma verdade comum a todos os fenômenos artísticos. Ao demais, há um perigo na definição dêste autor, o de cair na poesia científica, e, por dedução, na poesia didática, aliás inventada desde Lucrecio." (I, pag. 195, 1879, a propósito dos **Cantos do fim do século** de Silvio Romero.)

"Um poema épico, no meio desta prosa atual em que vivemos, é uma fortuna miraculosa. Pretendem alguns que o poema épico não é do nosso tempo e há quem já cavasse uma vasta sepultura para a epopéia e para a tragédia, as duas belas formas da arte antiga. Não fazemos parte do cortejo fúnebre de Eurípedes e Homero. As formas poéticas podem modificar-se com o tempo, e é essa a natureza das manifestações da arte; o tempo, a religião e a índole, influem no desenvolvimento das formas poéticas, mas não as aniquilam completamente; a tragédia francesa não é a tragédia grega, nem a tragédia shakespeariana, e tôdas são a mesma tragédia. Este acôrdo do moderno com o antigo era o pensamento de Chénier, que muitos séculos depois de Ovidio e Catulo ressuscitava o idílio e a elegia da antiguidade.

"Findou a idade heróica, mas os heróis não foram todos na voragem do tempo. Como fachos esparsos no vasto oceano da história, atraem os olhos

da humanidade, e inspiram os arrojados da musa moderna. Casar a lição antiga ao carácter do tempo, eis a missão do poeta épico." (I, págs. 110-111, 1866, a propósito do poema **Colombo** de M. de Araújo Porto-Alegre.)

... "revela-se todavia o esforço para fazer alguma coisa que não seja continuar literalmente o passado. Esta intenção é já um penhor de vitória. Aborrecer o passado ou idolatrá-lo vem a dar no mesmo vício; o vício de uns que não descobrem a filiação dos tempos, e datam de si mesmos a aurora humana, e de outros que imaginam que o espírito do homem deixou as asas no caminho e entra a pé num charco." (I, pág. 252, 1879.)

..... "A mocidade atual, tão cheia de talento e de legítima ambição, deve pôr os olhos nos modelos que nos vão deixando os eleitos da glória, como aquêle era, — da glória e do infortúnio, tanta vez unidos na mesma cabeça. A herança que lhe cabe é grande, e grave a responsabilidade." (I, pág. 158, 1873.)

..... "Escrever como Azurara ou Fernão Mendes seria hoje um anacronismo insuportável. Cada tempo tem o seu estilo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar dêles mil riquezas, que, à força de velhas se fazem novas — não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum." (I, pág. 153, 1873.)

"Creio que o senhor pertence a essa juventude laboriosa e ambiciosa, que hesita entre o ideal de ontem e uma nova aspiração, que busca sinceramente uma forma substitutiva do que lhe deixou a geração passada. Nesse tatear, nesse hesitar entre duas coisas — uma bela, mas por ventura fatigada, outra confusa, mas nova — não há ainda o que se possa chamar movimento definido. Basta, porém, que haja talento, boa vontade e disciplina; o movimento se fará por si, e a poesia brasileira não perderá o verdor nativo, nem desmentirá a tradição que nos deixaram o autor do **Uruguai** e o autor dos **Timbiras**." (I, págs. 328-329, 1878, a propósito de Francisco de Castro.)

"E contudo, meu caro poeta, é difícil esquivar-se um homem que ama as musas a não falar de um poeta novo, em um tempo que precisa dêles, quando há necessidade de animar tôdas as vocações, as mais arrojadas e as mais modestas, para que se não quebre a cadeia da nossa poesia nacional." (I, pág. 328, 1878.)

"Citei dois mestres; poderia citar mais de um talento original e cêdo extinto, a fim de lembrar à recente geração que, qualquer que seja o caminho da nova poesia, convém não perder de vista o que há essencial e eterno nessa expressão da alma humana. Que a evolução natural das coisas modifique as feições, a parte externa, ninguém jamais o negará; mas há alguma coisa que liga, através dos séculos, Homero e Lord Byron, alguma coisa inalterável, universal e comum, que fala a todos os homens e a todos os tempos. Ninguém o desconhece, de certo, entre as novas vocações; o esforço empregado em achar e aperfeiçoar a forma não prejudica, nem poderia alterar a parte substancial da poesia — ou esta não seria o que é e deve ser." (I, pág. 329, 1878.)

..... "Geralmente, a mocidade, sobretudo a mocidade de um tempo de renovação científica e literária, não tem outra preocupação mais do que mostrar às outras gentes que há uma porção de coisas que estas ignoram; e daí vem que os nomes ainda frescos na memória, a terminologia apanhada pela rama, são logo transferidos ao papel, e quanto mais crespos forem os nomes e as palavras, tanto melhor. Digo aos moços que a verdadeira ciência não é a que se incrusta para ornato, mas a que se assimila para nutrição; e que o

modo eficaz de mostrar que se possui um processo científico, não é proclamá-lo a todos os instantes, mas aplicá-lo oportunamente." (I, págs. 253-254, 1879.)

"Fujam também a outro perigo: o espírito de seita, mais próprio das gerações feitas e das instituições petrificadas. O espírito de seita tem a fatal marcha do odioso ao ridículo; e não será para uma geração que lança os olhos ao largo e ao longe, que se compôs este verso verdadeiramente galante: "Nul n'aura de l'esprit, hors nous et nos amis." (I, pág. 254, 1879.)

6 — QUALIDADES E DEFEITOS DO ESCRITOR

"O que admiro, depois do talento, no autor dos *Primeiros amores* é a dupla qualidade de fecundo e laborioso." (II, pág. 197, 1865, s/ Mendes Leal.)

"Como dissemos, é o Snr. J. de Alencar um dos mais fecundos e brilhantes talentos da mocidade atual; possui sobretudo duas qualidades tão raras quanto preciosas: o gosto e o discernimento, duas qualidades que completavam o gênio de Garrett." (II, 254, 1866.)

"Não presumo que só reconheça por títulos à crítica uma prática de longos anos; deve reconhecer e compenetrar-se de uma coisa: há uma qualidade que vale a prática, é o gosto; e esse não o dão longos anos de tarefa, é faculdade do espírito, atributo da inteligência." (II, pág. 136, 1859.)

..... "Acompanhar as alternativas caprichosas da opinião, sacrificar a lei do gosto e a lição da arte, é esquecer a nobre missão das musas. Da parte de um intruso, seria coisa sem consequência; da parte de um poeta, é condenável." (II, pág. 283, 1866.)

"Há talentos especiais, vocações tendentes a uma certa ordem de aplicação, na qual, como em atmosfera própria, se desenvolvem e se legitimam. A natureza não abre todas as inteligências. Marca-lhes órbitas, como a planetas. Se esta teoria nem sempre procede, é para trazer a exceção à regra e consolidá-la; não há muitos Humboldts na História." (II, pág. 91, 1859.)

... "apure as suas qualidades, adquira-as novas, se puder, mas não opostas à índole de seu talento; numa palavra, afirme-se." (I, pág. 231, 1879.)

"Quem tem um capital de talento, tem necessariamente o dever de fazê-lo produtivo, acumular-lhe os juros pelos meios lícitos, e os meios lícitos são o estudo prático dos caracteres e dos sentimentos." (II, pág. 137, 1859.)

..... "É certo que, nesse caso, o autor tinha de pedir ao tempo, ao estudo, à observação e à poesia, os materiais das suas obras; mas os resultados desse esforço não haviam de compensá-lo?" (II, págs. 275-276, 1866.)

"Se, como eu suponho, fôr o seu livro recebido com as simpatias e animações que merece, não durma sobre os louros. Não se contente com uma ruidosa nomeada; reaja contra as sugestões complacentes do seu próprio espírito; aplique o seu talento a um estudo continuado e severo; seja enfim o mais austero crítico de si mesmo." (I, pág. 326, 1872.)

... "aponto-lhe o melhor dos mestres, o estudo; e a melhor das disciplinas, o trabalho. Estudo, trabalho e talento são a tríplice arma com que se conquista o triunfo." (I, pág. 331, 1878.)

..... "Com os anos adquire-se a firmeza, domina-se a arte, multiplicam-se os recursos, busca-se a perfeição que é a ambição e o dever de todos os que tomam da pena para traduzir no papel as suas idéias e sensações." (I, pág. 337, 1885.)

"Aconselhando-lhe a perseverança e o trabalho, o culto desvelado e incessante das musas, a nossa intenção é simplesmente corresponder aos hábitos de atividade que lhe supomos; não entra, porém, no nosso espírito a idéia de exigir d'êle uma prova de infatigabilidade literária; há quem faça um crime da produção lenta, e ache virtude nos hábitos das vocações sôfregas; pela nossa parte, nunca deixaremos de exigir, mesmo dos talentos mais fecundos, certas condições de reflexão e de madureza, que não dispensam uma demora salutar. Ao tempo e à constância no estudo, deve-se deixar o cuidado do aperfeiçoamento das obras." (I, pág. 106, 1866.)

..... "Tinha os defeitos, as incertezas, os desvios próprios de um talento novo, que não podia conter-se, nem buscava definir-se." (I, pág. 113, 1866.)

"Se há neste volume mais de uma imperfeição, se por vêzes apparecem os descuidos de forma e de locução, não façamos d'esses cochilos de Homero grande cabedal; aconselhemos, sim, ao autor que não erija em sistema um defeito que pode diminuir o mérito das suas obras. Vê-se pelos bons versos que êle nos dá, quanto lhe é fácil produzir certo apuro na forma; emendar não prova nunca contra o talento, e prova sempre a favor da reflexão; e o tempo, cremos ter lido isto algures, só respeita aquilo que é feito com tempo; máxima salutar que os poetas nunca deviam esquecer." (I, pág. 105, 1866, a propósito de **Cantos e fantasias** de Fagundes Varela.)

..... "Os defeitos que resumidamente aponto não os tenho por incorrigíveis; a crítica os emendaria; na falta dela, o tempo se incumbirá de trazer às vocações as melhores leis." (I, pág. 149, 1873.)

"O que sobretudo recomenda o livro e o autor é a convicção com que êste se enuncia, tanto no entusiasmo pelas boas idéias e os grandes fatos, como na repulsão dos sucessos odiosos e dos princípios errôneos. E êste o meio seguro de interessar o livro e arrastar o leitor." (I, pág. 52, 1863.)

"Parece, à primeira vista, coisa impossível um poeta que condene a sua própria missão, não acreditando nos efeitos dela; mas, se se prescrutar cuidadosamente, ver-se-á que êste fenómeno é, não só possível, como até não raro.

"O tom sinceramente elegiaco da poesia de alguns dos mestres contemporâneos deu em resultado uma longa enfiada d'esses filhos das musas, aliás talentosos, em cuja lira a desconfiança e o abatimento tomam lugar da fé e da aspiração.

"Longe a idéia de condenar os que, após longa e dolorosa provação, sem negarem a grandeza de sua missão moral, soluçam por momentos desconsolados e desesperançados. D'esses sabe-se que a cada gota de sangue que lhes tinge os lábios corresponde um rompimento de fibras interiores; mas entre êsses sofrimentos, muitas vêzes não conhecidos de todos, e o continuado **lama sabactani** dos pretendidos infelizes, há uma distância que a credulidade dos homens não deve preencher.

"Não se contesta às almas poéticas certa sensibilidade fora do comum e mais exposta por isso ao choque das paixões humanas e das contrariedades da vida; mas não se estenda essa faculdade até a **sensiblerie**, nem se confunda a dor espontânea com o sofrimento calculado. A nossa lingua tem exactamente dois termos para exprimir e definir essas duas classes de poetas; uns serão a **sensibilidade**, outros a **suscetibilidade**." (I, págs. 35-36, 1863.)

"A razão, meu caro poeta, não a procure tanto em si, como no tempo; é do tempo esta poesia prematuramente melancólica. Não lhe negarei que há na sua lira uma corda sensivelmente elegiaca, e desde que a há, cumpria tangê-la. O defeito está em torná-la exclusiva. Nisto cede à tendência comum, e quem sabe também se a alguma intimidade intelectual? Mas quando o senhor chama à sua alma uma **ruína**, já me achará mais incrédulo.

"Isto lhe digo eu com conhecimento de causa, porque também eu cedi em minhas estréias a êsse pendor do tempo." (I, pág. 325, 1872.)

..... "O sr. dr. Macedo declara num preâmbulo que recebeu o manuscrito das mãos de um velho desconhecido, há cinco ou seis meses. Se a palavra de um autor é sagrada, como harmonizá-la, neste caso, com o estilo da obra? O estilo é do autor do **Moço louro**; não sereis vós, mas a fisionomia é vossa; aí o escritor está em luta com o homem." (I, pág. 62, 1866.)

..... "Escreveu versos, conforme lhos foi ditando o sentimento da ocasião e quando os colecionou não se deteve a compará-los e conciliá-los, que isso seria tirar o carácter legítimo da obra, a variedade do sentir e do pensar." (I, pág. 131, s/d..)

..... "Caso raro! O poeta via objeto de censura exatamente naquilo que faz a beleza da obra; defendia-se de um contraste, que representa a consciência e a unidade do livro. Sem êsse dúplice aspecto, o livro das **Inspirações** perde o encanto natural, o carácter de uma história real e sincera; deixa de ser um drama vivo. Contrário a si mesmo, cantando por inspirações opostas, aparece-nos o homem através do poeta, vê-se descer o espírito da esfera da ilusão religiosa para o terreno da realidade prática; assiste-se às peripécias daquela transformação; acredita-se na palavra do poeta, pois que êle sai, como Enéias, dentre as chamas de Tróia." (I, pág. 90, 1866, a propósito de **Inspirações do claustro** de Junqueira Freire.)

"O que faz interessar esta poesia é que ela representa um estado sincero da alma do poeta, uma aspiração conscienciosa." (I, pág. 91, 1866.)

"Não custa muito fazer versos assim, naturais, verdadeiros, em que a expressão corresponde a idéia, e a idéia é límpida." (I, pág. 251, 1879.)

..... "Vê-se também que é sincero, que exprime os sentimentos próprios, que êstes são bons, que há no poeta um homem, e no homem um coração." (I, pág. 338, 1885.)

..... "Nada mais simples do que a idéia desta composição; mas a simplicidade da idéia, a sobriedade dos toques e a verdade da descrição, são aqui os elementos do efeito poético, e produzem nada menos que uma excelente página." (I, pág. 242, 1879.)

... "o sublime é simples." (I, pág. 148, 1873.)

... "a oportunidade e a simplicidade são cabais para reproduzir uma grande imagem ou exprimir uma grande idéia." (I, pág. 148, 1873.)

..... "Há nos seus versos uma espontaneidade de bom agouro, uma natural simpleza, que a arte guiará melhor e a ação do tempo aperfeiçoará." (I, pág. 330, 1878.)

..... "Quando não há idéia, a sobriedade é apenas a falta de um recurso, e assim dois males juntos, porque a abundância e alguma vez o excesso suprem o resto." (I, pág. 314, 1902.)

..... "Não se envergonhe de imperfeições, nem se vexa de as ver apontadas; agradeça-o antes. A modéstia é um merecimento." (I, pág. 330, 1878.)

..... "Certo, não lhe falta, como disse, imaginação; mas esta tem suas regras, o estro leis, e se há casos em que elles rompem as leis e as regras, é porque as fazem novas, é porque se chamam Shakespeare, Dante, Goethe, Camões." (I, págs. 148-149, 1873.)

7 — UNIVERSALISMO, NACIONALISMO E CÔR LOCAL

"Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vêzes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espirito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura." (I, pág. 138, 1873.)

..... "Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais. Aprecia-se a côr local, mas é preciso que a imaginação lhe dê os seus toques, e que estes sejam naturais, não de acarreto. (I, pág. 149, 1873.)

"Verso e reverso não se recomenda só por essas qualidades, mas também pela fiel pintura de alguns hábitos e tipos da época; alguns dêles tendem a desaparecer, outros desapareceram e arrastariam consigo a obra do poeta, se ela não contivesse os elementos que guardam a vida, mesmo através das mudanças do tempo." (II, pág. 231, 1866, a propósito do teatro de José de Alencar.)

..... "É sem dúvida necessário que uma obra dramática, para ser do seu tempo e do seu país, reflita uma certa parte dos hábitos externos, e das condições e usos peculiares da sociedade em que nasce; mas além disto, quer a lei dramática que o poeta aplique o valioso dom da observação a uma ordem de idéias mais elevadas e é isso justamente o que não esqueceu o autor do **Demônio familiar**." (II, págs. 231-232, 1866, a propósito do teatro de José de Alencar.)

"A côr local é uma das preocupações do autor do **Demônio familiar** e a habilidade dêle está em distribuir as suas tintas de acôrdo com o resto do quadro, evitando o sobre carregado, o inútil, o descabido." (II, pág. 252, 1866, a propósito do teatro de José de Alencar.)

..... "O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. Um notável critico da França, analisando há tempos um escritor escossês, Masson, com muito acôrto dizia que do mesmo modo que se podia ser bretão sem falar sempre do tojo, assim Masson era bem escossês, sem dizer palavra do cardo, e explicava o dito acrescentando que havia nêle um **scoticismo** interior, diverso e melhor do que se fôra apenas superficial." (I, págs. 139-140, 1873.)

"Todavia cumpre lembrar o infundado de certo preconceito que por aí passa como sentença. Falo do concurso de artistas estrangeiros que para algumas suscetibilidades patrióticas tira a côr nacional à idéia da nova instituição. Os que assim pensam parece ignorar que o talento não tem localidade, fato reconhecido na Europa." (II, pág. 82, 1859, a propósito da organização de uma "ópera nacional".)

8 — A IMITAÇÃO EM ARTE

“Arrufos é uma das poesias mais notáveis dessa parte; é inspirada visivelmente da musa fácil de Garrett, mas com tal felicidade, que o leitor, lembrando-se do grande mestre, nem por isso deixa de lhe achar um especial perfume.” (I, pág. 39, 1863, s/ a poesia de A. E. Zaluar.)

..... “Ora, essa reprodução, quase exclusiva, essa assimilação do sentir e da maneira de dois engenhos, tão originais, tão soberanamente próprios não diminuirá a pujança do talento, não será obstáculo a um desenvolvimento maior, não traz principalmente o perigo de reproduzir os ademanos, não o espírito — a cara, não a fisionomia? Mais: não chegará também a tentação de só reproduzir os defeitos, e reproduzi-los exagerando-os, que é a tendência de todo o discípulo intransigente?” (I, págs. 198-199, 1879.)

..... “O imitador servil copiaria os contornos do modelo; não passaria daí, como fazem os macaqueadores de Victor Hugo, que julgam ter entrado na família do poeta, só com lhe reproduzir a antítese e a pompa da versificação. O discípulo é outra coisa: embebe-se na lição do mestre, assimila ao seu espírito o espírito do modelo.” (I, págs. 123-124, s/d.)

“É supérfluo dizer que, na exposição deste fato, não temos intenção de acusar a poesia quando ela exprime os tédios, as tristezas, os desfalecimentos da alma humana; a vida é um complexo de alegrias e pezares, um contraste de esperança e de abatimento, e dando ao poeta uma alma delicada e franzina, uma imaginação viva e ardente, impôs-lhe o Criador o duelo perpétuo da realidade e da aspiração. Daqui vem a extrema exaltação do poeta, na pintura do bem, como na pintura do mal; mas exprimir essas comoções diversas e múltiplas da alma é o mesmo que transformar em sistema o tédio e o ceticismo?” (I, págs. 100-101, 1866, a propósito de Fagundes Varela.)

..... “O que lhe dá sobretudo um sabor especial é a sua grande originalidade, que deriva não só das circunstâncias pessoais do autor, mas também da feição própria do seu talento; Junqueira Freire não imita ninguém; rude embora, aquela poesia é propriamente dêle; sente-se ali essa preciosa virtude que se chama — individualidade poética. Com uma poesia sua, uma língua própria, exprimindo idéias novas e sentimentos verdadeiros, era um poeta fadado para os grandes arrojões, e para as graves meditações.” (I, pág. 97, 1866.)

9 — A FORMA

... “procure o sr. Ferreira tratar da sua forma, que em geral é pobre e imperfeita. Faça das musas, não uma distração, mas um culto; é o meio de atingir à bela, à grande, à verdadeira poesia.” (I, págs. 106-107, 1866.)

..... “Falta-lhe um pouco mais de correção e gôsto; peca na intrepidez às vezes da expressão, na impropriedade das imagens, na obscuridade do pensamento.” (I, pág. 147, 1873.)

..... “O poeta, na apreciação moral da ação tomada, esqueceu-se das exigências da forma, e a face plástica não satisfaz plenamente o público.” (II, pág. 109, 1859.)

... “nessa página sente-se que palpita um poeta, mas as incorreções vêm sobretudo afeiá-la. Já me não refiro às de forma métrica; o poeta é geralmente descuidado. Poderia citar passagens obscuras, locuções ambiguas, outras empregadas em sentido espúrio, e até rimas que o não são; mas teria de

fazer uma crítica miúda, totalmente sem interêsse para o leitor, e só relativamente interessante para o poeta.” (I, pág. 232, 1879.)

“Diz o autor do prefácio que os descuidos de forma são filhos da sua própria vontade e do desprêzo das regras. Se assim é, o sistema é anti-pôético; a boa versificação é uma condição indispensável à poesia; e não podemos deixar de chamar a atenção do autor para êsse ponto. Com o talento que tem, corre-lhe o dever de apurar aquêles versos, a minoria dêles, onde o estudo da forma não acompanha a beleza e o viço dô pensamento. Desde já lhe notamos aqui os versos alexandrinos, que realmente não são alexandrinos, pois que lhes falta a cesura dos hemistíquios; outros descuidos aparecem ainda no volume dos **Cantos e fantasias**; vocábulos mal cabidos, às vêzes, rimas imperfeitas, descuidos todos que não avultam muito no meio das belezas, mas que o nosso dever obriga-nos a indicar conscienciosamente.” (I, págs. 102-103, s/ a poesia de Façundes Varela.)

“Que há nele alguns leves descuidos, uma ou outra impropriedade, é certo; contudo vê-se que a composição do verso acha da sua parte a atenção que é hoje indispensável na poesia, e uma vez que enriqueça o vocabulário, êle lhe sairá perfeito.” (I, pág. 338, 1885.)

... “no esmero do verso não vá ao ponto de cercear a inspiração. Esta é a alma da poesia, e como tôda a alma precisa de um corpo, fôrça é dar-lho, e quanto mais belo, melhor; mas nem tudo deve ser corpo. A perfeição, neste caso, é a hármonia das partes.” (I, págs. 338-339, 1885.)

..... “Os versos do nosso poeta são trabalhados com perfeição. Os defeitos, que os há, não são obra de descuido; êle pertence a uma geração que não peca por êsse lado. Nascem, — ora de um momento não propício — ora do requinte mesmo do lavôr; coisa esta que já um velho poeta da nossa língua denunciava, não era o primeiro, com esta comparação: “o muito mimo empece a planta.” Mas, em todo caso, se isto é culpa, **felix culpa**; a trôco de algumas partes laboriosas, acabadas de mais, ficam as que o foram a ponto, e fica principalmente o costume, o respeito da arte, o culto do estilo.” (I, pág. 335, 1884.)

“O alexandrino é formosíssimo, mas escabroso e difficil de tornar-se harmonioso, talvez porque não está geralmente adotado e empregado pelos poetas da lingua portugêsa.” (I, pág. 26, 1862.)

“E para liquidar de uma vez êste ponto dos senões, permita-me dizer-lhe que o principal dêles é realizar o livro a idéia do título.” (I, pág. 324, 1872.)

“A noite foi de regozijo para aquêles que, amando a civilização pátria, estimam que se faça tão bom uso da lingua que herdamos. Oxalá que o exemplo se espalhe.” (II, pág. 167, 1860.)

“Sempre achei que uma gramática é uma coisa muito séria. Uma boa gramática é um alto serviço a uma lingua e a um país. Se essa lingua é a nossa, e o país é êste em que vivemos, o serviço cresce ainda e a emprêsa torna-se mais difficil.” (I, pág. 21, 1862.)

“Entre os muitos méritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da linguagem. Não é raro ver intercalado em bom estilo os solecismos da linguagem comum, defeito grave, a que se junta o da excessiva influência da lingua francesa.” (I, págs. 151-152, 1873.)

..... “A influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda in-

ventam e fazem correr. Pelo contrário, êle exerce também uma grande parte de influência a êste respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão." (I, págs. 152-153, 1873.)

10 — QUALIDADES DO ESTILO

..... "Faltava-lhes estilo, que é uma grande lacuna nos escritos do sr. Silvío Romero; não me refiro às flores de ornamentação, à ginástica de palavras; refiro-me ao estilo, condição indispensável do escritor, indispensável à própria ciência — o estilo que ilumina as páginas de Renan e de Spencer, e que Wallace admira como uma das qualidades de Darwin." (I, pág. 234, 1879.)

"Finalmente, para dar-lhe completa conta das impressões que recebi com a leitura e a representação dos **Primeiros amores de Bocage**, resta-me aplaudir o estilo da comédia, estilo elevado, brilhante, loução, cheio de imagens, não a rôdo mas com aquela necessária economia poética, estilo verdadeiramente português, verdadeiramente de teatro: — prosa tão superior, que me consola de se haver proscrito os versos da cena, como antes me consolara a prosa do **Camões**, de Castilho Antônio, como ainda antes me consolara a prosa do **Frei Luiz de Souza**, de Garrett." (II, pág. 204, 1865, s/ o teatro de Mendes Leal.)

"Revolta-se a alma do homem e a musa do poeta contra a prepotência armada e disfarçada. Em casos tais não se escolhem expressões nem se dissimulam sentimentos: fala-se franca e rudemente como permitem a dor e a irritação. Tal é o carácter da poesia de Carlos Guido." (II, pág. 195, 1863, a propósito do poeta argentino Carlos Guido y Spano.)

..... "O sr. Valentim Magalhães deve atentar um pouco mais para a maneira de representar os objetos e de exprimir as sensações; há uma certa unidade e equilíbrio de estilo, que por vêzes lhe falta." (I, pág. 224, 1879.)

..... "Creio que o estilo precisa obter da parte do autor um pouco mais de cuidado; não lhe falta movimento, falta-lhe certa precisão indispensável; há nele um que de flutuante, de indeciso e às vêzes de obscuro." (I, pág. 229, 1879.)

... "é um estilo sem inspiração, nem graça, nem movimento." (II, pág. 267, 1866.)

..... "Deixemos os trocados e equívocos, que são um chiste de mau gosto, mácula de estilo, que o poeta exagerou até a puerilidade, cedendo a si mesmo e ao riso das platéias." (II, pág. 304, 1879.)

11 — VIDA E POESIA

..... "Estou mesmo certo que, em geral, há alguma coisa do escritor nas suas obras capitais: muitas vêzes as faces da criação são coradas com o próprio sentimento. Mas que vale isso aqui? Do alto destas páginas só conheço a obra e o escritor; o homem desaparece." (II, pág. 85, 1859.)

... "seu coração de poeta leu talvez, através de algumas estrofes que aí me ficaram no caminho, êste amor da poesia, esta fé viva em alguma coisa superior às nossas labutações sem fruto, primeiro sonho da mocidade e última saudade da vida." (I, pág. 328, 1878.)

..... "Rara fortuna esta, que nos arreda para longe dos tempos atuais, em que o poeta, depois de uma valsa de Strauss, vai chorar uma comprida elegia; êste é de certo o mais infeliz: qualquer que seja a sinceridade.

da sua dor, nunca poderá ser acreditado pelo vulgo, a quem não é dado perscrutar toda a profundidade da alma humana." (I, pág. 88, 1866.)

..... "Se a arte fôsse a reprodução exata das coisas, dos homens e dos fatos, eu preferia ler Suetônio em casa, a ir ver em cena Corneille e Shakespeare." (II, pág. 201, 1865.)

..... "Mas dado que seja a realidade pura, a ficção poética não podia admiti-la sem restrição." (I, pág. 248, 1879.)

..... "Cá fora, uma senhora que sucumbisse às hostilidades de pessoa de seu serviço, em consequência de cartas extraviadas, despertaria certamente grande interesse, e imensa curiosidade; e, ou a condenássemos, ou lhe perdoássemos, era sempre um caso digno de lástima. No livro é outra coisa. Para que Luíza me atraia e me prenda, é preciso que as tribulações que a affligem venham dela mesma; seja uma rebelde ou uma arrependida; tenha remorsos ou imprecações; mas, por Deus! dê-me a sua pessoa moral." (I, págs. 168-169, 1878, a propósito de **O primo Bazílio** de Eça de Queiroz.)

..... "Se escreveis uma hipótese, dai-me a hipótese lógica, humana, verdadeira. Sabemos todos que é afflitivo o espetáculo de uma grande dor física; e, não obstante, é máxima corrente em arte, que semelhante espetáculo, no teatro, não comove a ninguém; ali vale somente a dor moral. Ora bem; applicai esta máxima ao vosso realismo e sobretudo proporcionai o efeito à causa, e não exijais a minha comoção a trôco de um equivoco." (I, pág. 170, 1878, a propósito de **O primo Bazílio** de Eça de Queiroz.)

"Acontece justamente aquilo que eu não quisera ver em uma obra, por muitos títulos recomendável, como as **Sombras e luz**.

"Este amor é a glorificação dos instintos; os sentimentos morais não intervem nele por modo nenhum.

"O autor das **Sombras e luz**, quero acreditá-lo, há de convir comigo, que esta glorificação dos instintos, a despeito da vitória que lhe dê o favor público, nada tem com a arte elevada e delicada. É inteiramente uma aberração, que, como tal, não merece os cuidados do poeta e as tintas da poesia." (I, pág. 51, 1863.)

..... "O **Dia de finados**, por exemplo, contém episódios de tal natureza, que deve cobrir por força alguma realidade. A absoluta invenção daquilo seria, na verdade, inoportuno. Pois ainda assim, cabe o reparo; nem todos esses episódios ali deviam estar, e assim juntos destroem o efeito do todo, porque uns aos outros fazem perder a verossimilhança." (I, pág. 247, 1879, s/ a poesia satírica de Artur Azevedo.)

..... "Em teatro, reprodução da vida real,"... (II, pág. 91, 1859.)

..... "O corretivo existe no drama; o autor nada tem que ver com as consequências desse corretivo. São elles verossímeis? Dão-se na vida real? Sem dúvida que sim. É quanto basta." (II, pág. 185, 1861.)

12 — ROMANCE, CONTO E TEATRO — SUAS QUALIDADES

"Pelo que diz respeito às letras, o nosso intuito é ver cultivado, pelas musas brasileiras, o romance literário, o romance que reúne o estudo das paixões humanas aos toques delicados e originaes da poesia, — meio único de fazer com que uma obra de imaginação, zombando do açoitado do tempo, chegue inalterável e pura, aos olhos severos da posteridade." (I, pág. 73, 1866.)

"Querem romances? perguntava Guizot. Por que não encaram de perto a história?" (I, pág. 48, 1863.)

..... "Se a missão do romancista fôsse copiar os fatos, tais quais eles se dão na vida, a arte era uma coisa inútil; a memória substituiria a imaginação; o **Culto do dever** deitava abaixo **Corina, Adolpho, Manon Lescaut**. O poeta daria a demissão, e o cronista tomaria a direção do Parnaso. Demais, o autor podia, sem alterar os fatos, fazer obra de artista, criar em vez de repetir; é isso que não encontramos no **Culto do dever**. Dizia acertadamente Pascal que sentia grande prazer quando no autor de um livro; em vez de um orador, achava um homem. Debalde se procura o homem no **Culto do dever**; a pessoa que narra os acontecimentos daquele romance, e que se diz testemunha dos fatos, será escrupulosa na exposição de todas as circunstâncias, mas está longe de ter uma alma, e o leitor chega à última página com o espirito frio e o coração indiferente." (I, pág. 65, 1866, s/ o romance de Macedo.)

..... "O autor tinha o direito de transportar para a cena o Galeazzo da história, sem ofensa dos olhos do espectador, uma vez que conservasse a verdade íntima do carácter. A poesia não tem o dever de copiar integralmente a história, sem cair no papel secundário e passivo do cronista.

"Prevendo esta objecção, o sr. dr. Magalhães diz que não podia alterar a realidade histórica, porque fazia uma tragédia, — e não um drama. Não compreendemos esta distinção, e se ela exprime o que nos quer parecer, estamos em pleno desacôrdo com o poeta. Por que motivo haverá duas leis especiais para fazer servir a história à forma dramática e à forma trágica? A tragédia, a comédia e o drama são três formas distintas, de índole diversa; mas quando o poeta, seja trágico, dramático ou cômico, vai estudar no passado os modelos históricos, uma única lei deve guiá-lo, a mesma lei que o deve guiar no estudo da natureza, e essa lei impõe-lhe o dever de alterar, segundo os preceitos da boa arte, a realidade da natureza e da história." (II, págs. 225-226, 1866, s/ a tragédia **Oligato** de Gonçalves de Magalhães.)

..... "Esta simplicidade é a parte que se considera mais fraca da peça; eu não condeno a simplicidade, nem reclamo as peripécias; nada mais simples que a ação do **Misanthropo**, e contudo eu dava todos os louros juntos do complexo Dumas e do complexo Scribe para ter escrito aquela obra prima do engenho humano. O que eu reconheço, — e é este o único reparo que dirijo à comédia, — é que durante algum tempo, aquela mesma ação simples parece despir-se de interesse." (II, págs. 203-204, 1865.)

..... "O drama existe, porque está nos caracteres, nas paixões, na situação moral dos personagens: o acessório não domina o absoluto; é como a rima de Boileau: **il ne doit qu'obéir**." (I, pág. 178, 1878.)

..... "Ora, a substituição do principal pelo acessório, a ação transplantada dos caracteres e dos sentimentos para o incidente, para o fortuito, eis o que me pareceu incongruente e contrário às leis da arte." (I, pág. 178, 1878.)

"No meio deste quadro, e para ligar os diversos caracteres que aí se agitam, imaginou o autor uma ação simples e natural." (II, pág. 203, 1865.)

"Esta é," — refere-se à análise de paixões e caracteres — "na verdade, uma das partes mais difíceis do romance, e ao mesmo tempo das mais superiores. Naturalmente exige da parte do escritor dotes não vulgares de observação, que, ainda em literatura mais adiantada, não andam a rôdo nem são a partilha do maior número." (I, pág. 143, 1873.)

..... "Se intentou o desenho de dois caracteres, malogrou êsse desenho, porque, além de carregar demais no **crayon**, colocou os dois tipos tão mal ao pé da ação cardeal, que êles desaparecem completamente." (II, pág. 79, 1859.)

..... "Finalmente, a qualidade tão louvada no Snr. Dr. Macedo de saber pintar as paixões, se podia ser confirmada, com reservas, nos seus primeiros dois dramas, não pode sê-lo nos últimos; provavelmente os que assim julgam confundem, como dissemos, o sentimento e o vocabulário; a reunião de algumas palavras enérgicas e sonoras, em períodos mais ou menos cheios, não supõe um estudo das paixões humanas. O ruído não é a eloquência." (II, págs. 258-259, 1866, s/ o teatro de J. M. de Macedo.)

..... "Em geral, as personagens estão apenas esboçadas; o espirito não as retêm; ao fechar o livro dissipam-se tôdas como sombras impalpáveis; como elas não comovem, o coração do leitor não conserva o menor vestígio de sensação, a menor impressão de dor." (I, págs. 71-72, 1866.)

... "todos enfim, no primeiro, como no segundo plano, têm a feição histórica e a feição humana, procedem do tempo e falam a todos os tempos, condição essencial na arte." (II, pág. 203, 1865.)

"Declarando que o seu livro é um simples ensaio de romance histórico, como os precedentes, devia contudo o autor ter em vista uma explanação mais cabal do assunto, para o que não lhe faltava nem talento nem elemento de observação.

"Disto resulta que os caracteres estão desenhados apressadamente, sem aquela demorada observação que o autor nos revela em muitas páginas. Tendo de ligar a ação imaginada à tela dos acontecimentos, o autor cuidou menos dos sentimentos morais dos seus personagens, para tratar miudamente das situações e dos fatos." (I, pág. 49, 1863.)

"O autor declara que a história é verdadeira, que é uma história de ontem. um fato real, com personagens vivas; a ação passa-se nesta côrte, e começa no dia de Reis do ano passado; assim, pois, é muito possível que os próprios personagens do **Culto do dever** estejam lendo estas linhas. Pode a critica apreciar livremente as paixões e os sentimentos em luta neste livro, analisar os personagens, aplaudí-los ou condená-los, sem ferir o amor próprio de criaturas existentes? Realidade ou não, o livro está hoje no domínio do público, e naturalmente fará parte das obras completas do sr. dr. Macedo; o fato sóbre que êle se baseia já passou ao terreno da ficção; é coisa própria do autor. Nem podia deixar de ser assim; a simples narração de um fato não constitui um romance, fará quando muito uma **gazetilha**; é a mão do poeta que levanta os acontecimentos da vida e os transfigura com a varinha mágica da arte. A critica não aprecia o carácter de tais ou tais indivíduos, mas sim o carácter das personagens pintadas pelo poeta, e discute menos os sentimentos das pessoas que a habilidade do escritor." (I, págs. 62-63, 1866.)

..... "Tudo estava no modo por que o autor encarasse o assunto. Se êle atendesse à lição clássica, marcando o limite que separa a arte e a história; se, com a segunda vista da musa, soubesse tirar das entranhas do assunto e do tempo aquilo e tão somente aquilo que é digno da arte, fazendo-se imaginoso e intérprete, a obra devia ser necessariamente boa e o assunto fecundo." (II, págs. 198-199, 1865.)

..... "O autor, tão consciencioso e tão verdadeiro, compreendeu bem que as linhas simples e características devem dominar os traços accidentais; o fundo do carácter e da índole de Bocage não eram os desregramentos referidos pela biografia e pela tradição oral. Se o autor fizesse dêles a feição

característica e saliente do poeta, tanto na época dos primeiros amores, como na dos últimos, teria desconhecido a lei do teatro, e a sua obra ficaria condenada a uma morte próxima. Mas, o Sr. Mendes Leal sabe perfeitamente a distância que há, entre os traços largos da pintura, e a implacável minuciosidade do daguerreótipo; não copiou a biografia, interpretou-a." (II, págs. 201-202, 1865, s/ **Os primeiros amores de Bocage**, peça de Mendes Leal.)

... "mas, porque avolumar tais acessórios até o ponto de abafar o principal?" (I, pág. 173, 1878.)

"Quanto ao diálogo, tem as qualidades que poderíamos exigir da composição e das pessoas. Dizem-se por êle — desde aquêl escudeiro João Braz — tôdas as minúcias e circunstâncias precisas para a notícia dos caracteres e da ação. Há facilidade e naturalidade, vida e interêsse, a reflexão que não pesa e a graça que não enfastia. Vê-se bem a lealdade do escrivão da puridade, ouve-se o sonho imperial de Gusmão, sem que a linguagem enfie a pompa inútil ou dispa a compostura que lhe dá unidade." (I, pág. 318, 1904, s/ a peça **O secretário d'el-rei** de Oliveira Lima.)

..... "O diálogo tem tôda a singeleza da realidade." (I, pág. 219, 1879.)

..... "Mas o que, a meu ver, constitui o defeito da concepção do sr. Eça de Queiroz é que a ação, já despida de todo o interêsse moral, adquire um interêsse anedótico, um interêsse de curiosidade." (I, págs. 178-179, 1878, s/ **O primo Bazílio** de Eça de Queiroz.)

"Abundam nesse romance as situações pitorescas, o colorido da descrição; o estilo é correto, puro e brilhante; o diálogo vivo e natural." (I, pág. 52, 1863.)

... "descrição, excelente, sem dúvida, mas (como dizem os mestres) de mediano efeito, se não avultam no escritor outras qualidades essenciais." (I, pág. 143, 1873.)

... "a maneira artistica de reproduzir as observações cômicas, evitando anulá-las por meio de torneios de frases e considerações ociosas; procurando enfim êxcluir-se da cena, onde só devem ficar os personagens e a situação." (II, pág. 280, 1866.)

..... "É gênero difficil," — refere-se ao conto — "a despeito da sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dêle os escritores e não lhe dando, penso eu, o público tôda a atenção de que êle é muitas vezes credor." (I, pág. 145, 1873.)

13 — A POESIA — SEUS TEMAS, SUAS QUALIDADES

... "o sr. Silvio Romero não possui a forma poética. Creio que o leitor não será tão inadvertido que suponha referir-me a uma certa terminologia convencional; também não aludo especialmente à metrificacão. Falo da forma poética em seu genuino sentido. Um homem pode ter as mais elevadas idéias, as comoções mais fortes, e realçá-las tôdas por uma imaginação viva; dará com isso uma excelente página de prosa, se souber escrevê-la; um trecho de grande ou mavica poesia, se fôr poeta. O que é indispensável é que possua a forma em que se exprimir. Que o sr. Romero tenha algumas idéias de poeta não lho negará a crítica; mas logo que a expressão não traduz as idéias, tanto importa não as ter absolutamente. Estou que muitas decepções literárias originam-se nesse contraste da concepção e da forma; o espirito, que formulou a idéia, a seu modo, supõe havê-la transmitido nitidamente ao papel, e

daí um equívoco. No livro do Sr. Romero achamos essa luta entre o pensamento que busca romper do cérebro, e a forma que não lhe acode ou só lhe acode reversa e obscura: o que dá a impressão de um estrangeiro que apenas balbucia a língua nacional." (I, págs. 234-235, 1879, s/ **Cantos do fim do século**, de S. Romero.)

"As coisas e os monumentos são de si veneráveis e poéticos; mas, se uma pena mágica os não retratasse e referisse, é certo que os sentimentos se revelariam tíbios e por metade." (I, pág. 57, 1863.)

"Não há na parte da metrficação muito que dizer, mas falta à poesia do sr. Castilho Antônio o alento poético, a espontaneidade, a alma, a poesia, enfim." (I, pág. 24, 1862.)

"Em nome da poesia e em nome da religião, o autor de **Ciúmes do bardo** devia lisonjear menos os instintos e as sensualidades humanas e pôr no seu verso alguma coisa de mais apuro e de mais elevado." (I, pág. 25, 1862, s/ Antônio Feliciano de Castilho.)

... "tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que êle se compõe." (I, pág. 136, 1873.)

..... "Para que a poesia pessoal renasça um dia, é preciso que lhe dêem outra roupagem e diferentes côres; é preciso outra evolução literária." (I, pág. 330, 1878.)

"A parte destinada à família e ao lar, que é por onde começa o livro, traz fragmentos de poesia melancólica, mas não dessa melancolia que anula tôda a ação do poeta e faz ver na hora presente o começo de continuadas catástrofes. É êsse um assunto eterno de poesia; a recordação da vida de criança, na intimidade do lar paterno, onde as mágoas e os dissabores, como os raios, não chegam até às plantas rasteiras, não passando dos carvalhos; essa recordação na vida do homem feito é sempre causa de lágrimas involuntárias e silenciosas; as do poeta são assim, e tão medrosas de aparecer, que essa parte do livro é a menos farta." (I, págs. 38-39, 1863.)

... "compõe-se das expansões da juventude, dos devaneios do amor, dos palpites do coração, tema eterno que nenhum poeta esgotou ainda, e que há de inspirar ainda o último poeta." (I, pág. 103, 1866.)

"E se fôsse dado a qualquer indicar caminho às tendências do poeta e modificar-lhe as intenções, eu diria que, não só a essa contemplação do infinito e da natureza, mas também à descoberta e consolação das dores da humanidade devia dirigir-se a sua musa.

"Ela tem bastante comoção, nas palavras, para consolar as misérias da vida e embalsamar as feridas do coração." (I, pág. 42, 1863.)

..... "Verdadeiramente não cabe a esta composição o nome de quadro, mas de poema — poemiã à moderna; há ali mais do que um momento e uma perspectiva; há uma história, uma ação." (I, pág. 217, 1879.)

... "a terceira parte é tôda uma coleção de poesia em que o humorismo traz a ponta aguçada pela sátira. Gosto menos desta última parte que das duas primeiras; nem os assuntos são interessantes, nem às vezes claros, o que de algum modo é explicado por esta frase da poetisa rezendense: "A sátira, sendo quase sempre alusiva, faz-se obscura para os que não gozam a intimidade do poeta." Em tal caso, devia o poeta eliminá-la. Também o estilo está longe de competir com o **do resto** do volume, que aliás não é perfeito. Não é que não haja lugar para o riso, mormente em livro tão pessoal

às vezes; mas o melhor que há no riso é a espontaneidade." (I, págs. 245-246, 1879.)

14 — O TEATRO — CONCEITO E IMPORTÂNCIA

... "conto com os espíritos que vêm na arte, não uma carreira pública, mas uma aspiração nobre, uma iniciativa civilizadora e um culto nacional." (II, pág. 99, 1859, a propósito de teatro.)

"Não para aqui. Consideremos o teatro como um canal de iniciação. O jornal e a tribuna são os outros dois meios de proclamação e educação pública. Quando se procura iniciar uma verdade busca-se um desses respiradouros e lança-se o pomo às multidões ignorantes. No país em que o jornal, a tribuna e o teatro tiverem um desenvolvimento conveniente — as calagens cairão aos olhos das massas; morrerá o privilégio, obra da noite e da sombra; e as castas superiores da sociedade ou rasgarão os seus pergaminhos ou cairão abraçadas com eles, como em sudários.

"E assim, sempre assim; a palavra escrita na imprensa, a palavra falada na tribuna, ou a palavra dramatizada no teatro, produziu sempre uma transformação. É o grande fiat de todos os tempos.

"Há porém uma diferença: na imprensa e na tribuna a verdade que se quer proclamar é discutida, analisada, e torcida nos cálculos da lógica; no teatro há um processo mais simples e mais ampliado; a verdade aparece nua, sem demonstração, sem análise.

"Diante da imprensa e da tribuna as idéias abalroam-se, fazem-se, e lutam para acordar-se; em face do teatro o homem vê, sente, palpa; está diante de uma sociedade viva, que se move, que se levanta, que fala, e de cujo composto se deduz a verdade, que as massas colhem por meio de iniciação. De um lado a narração falada ou cifrada, de outro a narração estampada, a sociedade reproduzida no espelho fotográfico da forma dramática." (II, págs. 17-18, 1859.)

"É claro ou é simples que a arte não pode aberrar das condições atuais da sociedade para perder-se no mundo labirintico das abstrações. O teatro é para o povo o que o Còro era para o antigo teatro grego; uma iniciativa de moral e civilização. Ora, não se pode moralizar fatos de pura abstração em proveito das sociedades; a arte não deve desvairar-se no doido infinito das concepções ideais, mas identificar-se com o fundo das massas; copiar, acompanhar o povo em seus diversos movimentos, nos vários modos da sua atividade." (II, pág. 10, 1859.)

..... "O teatro é uma força, força como arte, força como moral; não a inutilizem que é inutilizar o futuro." (II, pág. 186, 1861.)

"A iniciativa em arte dramática não se limita ao estreito círculo do tablado — vai além da rampa, vai ao povo.

"Uma platéia avançada, com um tablado balbuciante e errado, é um anacronismo, uma impossibilidade. Há uma interna relação entre um e outro. Sófocles hoje faria rir ou enjoaria as massas; e as platéias gregas pateariam de boa vontade uma cena de Dumas ou Barrière.

"A iniciativa, pois, deve ter uma mira única: a educação. Demonstrar aos iniciados as verdades e as concepções da arte; e conduzir os espíritos flutuantes e contraídos da platéia à esfera dessas concepções e dessas verdades. Dessa harmonia recíproca de direções acontece que a platéia e o talento nunca se acham arredados no caminho da civilização." (II, pág. 9, 1859.)

"Sem literatura dramática, e com um tablado, regular aqui, é verdade, mas deslocado e defeituoso ali e além, — não podemos aspirar a um grande passo na civilização. A arte cumpre assinalar como um relêvo na história

as aspirações éticas do povo — e aperfeiçoá-las e conduzi-las, para um resultado de grandioso futuro.” (II, págs. 19-20, 1859.)

... “é um dos crentes mais sérios e verdadeiros dêsse grande canal de propaganda.” (II, pág. 161, 1860, refere-se a si mesmo e ao teatro.)

..... “Estando convencido de que o teatro corrige os costumes, entende o autor,” — refere-se a J. M. de Macedo — “e não se acha isolado neste conceito, que a correção deve operar-se pelos meios oratórios e não pelos meios dramáticos ou cômicos. A moral do teatro, mesmo admitindo a teoria da correção dos costumes, não é isso: os deveres e as paixões na poesia dramática não se traduzem por demonstração, mas por impressão. Quando o Snr. José de Alencar trouxe para a cena o grave assunto da escravidão, não fez inserir na sua peça largos e folgados raciocínios contra essa fatalidade social; imaginou uma situação, fazendo atuar nela os elementos poéticos que a natureza humana e o estado social lhe ofereciam; e concluiu êsse drama comovente que tôda a gente de gôsto aplaudiu. Êste e outros exemplos não devia esquecê-los o autor de **Luxo e vaidade**.” (II, págs. 257-258, 1866, s/ o teatro de J. M. de Macedo.)

“Assim os desvios de uma sociedade de transição lá vão passando e à arte moderna toca corrigi-la de todo.” (II, pág. 11, 1857.)

..... “e fizeram crer às turbas que o teatro foi feito para passatempo.” (II, pág. 13, 1859.)

“O último drama de Quintino Bocaiúva, ao lado do mérito literário, respira uma alta moralidade, duplo ponto de vista, em que deve ser considerado e em que mereceu os sinceros aplausos dos entendidos.” (II, pág. 180, 1861, s/ **Os mineiros da desgraça**.)

..... “Mas que o autor interviesse na luta fazendo retirar-se o padre com um chapêu secular, isto é, apresentar uma dignidade da Igreja, revestida com as suas vestes sacerdotais, à gargalhada pública, é pouco de acôrdo com os princípios da moral que devem assistir em um povo. Não é assim que a arte civiliza; em uma época de marasmo religioso e indiferença pública para os dogmas cristãos, é matar a alma, cavar o céu, derrubar o altar.” (II, págs. 151-152, 1859.)

“O contraste é frisante e a moralidade nasce da situação sem necessidade de comentários. Tôda a consideração tiraria um pouco de relêvo à idéia que ressalta viva, do fato.” (II, pág. 175, 1860.)

“Vai-se ao teatro buscar uma comoção, não se vai procurar uma surpresa; o poeta deve interessar o coração, não a curiosidade; condição indispensável para ser poeta dramático.” (II, pág. 272, 1866.)

15 — O GÊNERO TEATRAL — ESPÉCIES, QUALIDADES

..... “Mesmo atendendo ao propósito do autor em não ser nem completamente clássico, nem completamente romântico, não se pode reconhecer no **Antônio José** o caráter de uma tragédia. Seria impróprio exigir a exclusão do elemento familiar na forma trágica ou a eterna repetição dos heróis romanos. Essa não é a nossa intenção; mas, buscando realizar a **tragédia burguesa**, o snr. dr. Magalhães, segundo nos parece, não deu bastante atenção ao elemento puramente trágico, que devia dominar a ação, e que realmente não existe senão no 5.º ato.” (II, págs. 222-223, 1866, a propósito da tragédia **Antônio José ou o poeta e a Inquisição** de Gonçalves de Magalhães.)

.....! "Olgiato confirma as nossas impressões gerais acêrca da tragédia do snr. dr. Magalhães; têm ambas" — refere-se a **Olgiato** e a **Antônio José** — "os mesmos defeitos e as mesmas belezas; **Olgiato** é sem dúvida mais dramático; há cenas patéticas, situações interessantes e vivas; mas estas qualidades, que sobressaem, sobretudo por comparação, não destroem a nossa apreciação acêrca do talento poético do snr. Magalhães. Quando o autor põe na boca de seus personagens conceitos filosóficos e reflexões morais, entra no seu gênero, e produz efeitos excelentes; mas desde que estabelece a luta dramática e faz a pintura dos caracteres, sente-se que lhe falta a imaginação própria e especial da cena." (II, págs. 224-225, 1866.)

..... "É assim que o ilustre poeta preenche os dois fins do drama: o fim puramente da arte e o efeito filosófico." (II, pág. 155, 1860.)

"Escrevendo os **Primeiros amores de Bocage**, o autor, segundo declara, quis abranger em uma só obra os três gêneros da comédia, a de caracteres, a de costumes, e a de enredo. Nenhuma é fácil, e a primeira é sobremodo difícil. Precisava empregar para êsses três gêneros, três elementos principais: — a invenção lhe forneceria a trama, a erudição o iniciaria na pintura do tempo, a observação lhe daria a análise dos caracteres." (II, págs. 199-200, 1865, s/ os **Primeiros amores de Bocage** de Mendes Leal.)

..... "Até hoje não penetrou no domínio da alta comédia, da comédia do carácter"... (II, pág. 273, 1866.)

..... "É a comédia; êssê tipo não é sentimental; é risonho, leviano, espirituoso, como nos salões." (II, pág. 93, 1859.)

"A mais notável é a comédia em três atos do moderno teatro francês, **As mulheres terríveis**. É uma das mais delicadas e espirituosas composições que conheço; chistosa sem ser burlesca, frisante sem ser imoral. Um desenho completo de caracteres, uma reprodução graciosa de fatos que se dão na vida social; mão de mestre no desenvolvimento do diálogo e da ação, sem cenas de luxo, sem lances supérfluos e trincados, eis o que se deu sexta-feira no Ginásio." (II, pág. 61-62, 1859.)

..... "emprega nas suas comédias dois elementos que explicam os aplausos das platéias: a sátira e o burlesco. Nem uma nem outra exprimem a comédia." (II, pág. 274, 1866.)

"Se fôsse preciso resumir por meio de uma comparação a profunda diferença que há entre o traço cômico e o traço burlesco, bastava aproximar um lance de mestre de um lance da **Tôrre em concurso**. Há nesta peça uma cena de boa observação política; é quando Batista, em virtude de uma descortezia de Paschoal, que é a bandeira do partido amarelo, passa para as fileiras do partido vermelho. "Insolente, diz Batista, não respeita um dos chefes do seu partido!" Este dito e esta passagem tinham completo o traço; havia alguma coisa de cômico; mas Batista não só abandona as suas fileiras, senão que moraliza o ato: "Faço o que muitos têm feito; arranjo a vida; estou passado." Esta maneira de repizar a observação cômica, tira-lhe a energia e o efeito; cai na sátira; já não é o personagem, é o autor quem exprime por boca d'êle um juízo político. Ora, quando se encontra em uma comédia um desses traços felizes, o cuidado do poeta deve aplicar-se em não desnaturá-lo. Vejamos como o grande mestre procedia em casos idênticos: Harpagon acha-se um dia roubado; o cofre dos seus haveres desapareceu do lugar em que o avarento costumava guardá-lo; todos sabem que cenas de desespero seguem a êste successo; Harpagon chama a justiça; trata-se de saber onde pára o cofre; não é o cofre, é a alma de Harpagon, que se perdeu; o infeliz corre de um lado para outro, e, nessa labutação, repara que há na sala duas velas acesas; apaga maquinal-

mente uma delas. Movimento involuntário, natural, cômico; mas feito isto Harpagon não diz palavra, porque a sua idéia fixa é a perda da fortuna. Pelo sistema do autor do **Fantasma Branco**, Harpagon não deixaria de dizer à parte: "Duas velas! que estrago! é demais!" (II, págs. 279-280, 1866, s/ o teatro de J. M. de Macedo.)

"O burlesco, embora suponha da parte de um autor certo esforço e certo talento, é todavia um meio fácil de fazer rir as platéias. A própria **Tôrre em concurso** fornece-nos uma prova; desde que se levanta o pano, os espectadores riem logo às gargalhadas; assiste-se à leitura de um edital. Que haverá de cômico em um edital? Nada que não seja o esforço da imaginação do autor; é um edital burlesco, redigido na intenção de produzir efeito nos espectadores; a fantasia do autor tinha campo vasto para redigi-lo como quisesse, para acumular as expressões mais curiosas, as cláusulas mais burlescas. Se o autor quisesse cingir-se à verdade, levaria em conta que o escrivão Bonifácio, homem de bom senso e até certo ponto esclarecido, como se vê no correr da comédia, não podia escrever aquêlê documento. Mas é inútil apelar para a verdade tratando-se de uma obra que se confessa puramente burlesca. Assentado isto, o resto da peça desenvolve-se sob a ação da mesma lei; o autor declara-se e mantém-se nos vastos limites de uma perfeita inverossimilhança. Como exigir que as pretensões amorosas da velha Ana, os seus ciúmes e os seus furores, apareçam ao público, não como uma caricatura, mas como um ridículo? Se pretendêssemos isto, se exigíssemos a naturalidade das situações, a verdade das fisionomias, a observação dos costumes, o autor responder-nos-ia vitoriosamente que não pretendeu escrever uma comédia, mas uma peça burlesca. Duvidamos, porém, que possa responder com igual vantagem quando lhe perguntarmos por que motivo, poeta de talento e futuro, escreveu uma obra que não é de poeta, nem acrescenta o menor lustre ao seu nome." (II, págs. 276-277, 1866, s/ o teatro de J. M. de Macedo.)

"..... "Para fazer rir não precisa empregar o burlesco; o burlesco é o elemento menos culto do riso." (II, pág. 279, 1866.)

16 — QUALIDADES DA PEÇA TEATRAL

"Se a invenção é pobre, se os caracteres são violentos, contraditórios e incorretos, há ao menos nesta peça a habilidade dos meios cênicos e a beleza do estilo?" (II, pág. 266, 1866.)

"..... "A crítica séria não pode encontrar naquela produção o cumprimento dos preceitos da plástica; as cenas seguem-se, mas não se encadeiam; não se prepara a ação; no fim de cada diálogo o espectador repete aquela frase: **Qu' est-ce que cela prouve? à quoi bon cela?**" (II, págs. 116-117, 1859.)

"**Os mineiros da desgraça**, literariamente falando, é o que se pode chamar um belo livro: o estilo, fluente e brilhante; o diálogo, fácil e vivo; as cenas, bem dispostas e bem enredadas." (II, pág. 185, 1861, s/ o drama de Quintino Bocaiúva.)

"Há frases lindas e impregnadas de um sentimento doce e profundo; o diálogo é natural e brilhante, mas dêsse brilho que não exclui a simplicidade, e que não respira o torneado bombástico." (II, pág. 166, 1860.)

"Em minha opinião, o moralista nunca pode deixar de ser uma figura de convenção. Entre nós, pelo menos. É por isso que eu acho que não se deve exigir do autor as razões por que o fez orador ou não, e por que em tal ocasião não foi menos grave, e em tal outra, menos jovial. Ele é senten-

cioso, é quanto basta; êle censura, êle toca na chaga com a tranqüilidade do médico, com isso nos devemos contentar." (II, pág. 183, 1861.)

17 — A REPRESENTAÇÃO DRAMÁTICA

"Dotado de uma agradável presença, sua entrada em cena foi simpaticamente recebida.

"Pertence o sr. César de Lacerda a uma boa escola. O gesto natural, sóbrio, elegante, a fisionomia insinuante e móbil; a dicção correta; a gravidade, a naturalidade, eis o que faz ver no sr. César de Lacerda um minucioso e aproveitado estudo dos princípios e recursos da arte.

"Fazia um papel em que uma aptidão inferior teria roçado pela exageração, e soube, sem empalidecê-lo nem exagerá-lo, dar-lhe êsse tom natural e próprio que os sentidos delicados gostam de ver em tais criações." (I, pág. 54, 1863.)

..... "O que se nota neste artista, e mais que em qualquer outro, é a naturalidade, o estudo mais completo da verdade artística. Ora, isto importa uma revolução; e eu estou sempre ao lado das reformas. Acabar de uma vez essas modulações e posições estudadas, que faz (sic) do ator um manequim hirto e empenado, é uma missão de verdadeiro sentimento da arte. A época é de reformas, e a arte caminha par a par com as sociedades." (II, pág. 45, 1859, s/ o ator Furtado Coelho.)

..... "O Snr. Barbosa seria bom que não exagerasse tanto a voz, nem o gesto, o que o torna desagradável.

"A arte tem raias; é preciso não exercê-la na clave da hilaridade pública." (II, pág. 59, 1859.)

"A Snra. D. Gabriela que, com os Snrs. Furtado e Augusto, ocupou o primeiro plano do quadro, trabalhou com essa alma, e com essa consciência que formam um todo de artista; dois elementos, duas faculdades, que revelam o sentimento e a compreensão, o coração e a cabeça." (II, págs. 146-147, 1859.)

..... "Fiz-lhe então notar uma falta de alma, e ausência de estudo, dois obstáculos para um artista." (II, pág. 149, 1859.)

..... "É preciso notar, vêm muito ao caso êsses acessórios de disposição para o bom êxito de uma peça; e não há quem se ria de ver, por exemplo, Luiz XIV cu Molière. sentado em uma cadeira de Francisco I, e em um gabinete do tempo da revolução.

"A primeira regra em arte dramática é a harmonia: o deslocamento é sempre uma decadência, uma destruição." (II, pág. 37, 1859.)

"Sobre o desempenho sou talvez menos severo do que a opinião pública. Se um ator bom faz um drama bom, também um drama mau faz às vêzes um ator mau. É a minha opinião.

"É a teoria das relações.

"Não autorizo assim mau trabalho cênico, justifico apenas." (II, pág. 117, 1859.)

18 — O THEATRO NACIONAL E A TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE PEÇAS ESTRANGEIRAS

"As massas que necessitam de verdades, não as encontrarão no teatro destinado à reprodução material e improdutiva de concepções deslocadas da nossa civilização — e que trazem em si o cunho de sociedades afastadas.

"É uma grande perda; o sangue da civilização, que se inocula também nas veias do povo pelo teatro, não desce a animar o corpo social: ele se levantará dificilmente embora a geração presente enxergue o contrário com seus olhos de esperança." (II, pág. 19, 1859.)

"Pelo lado da arte o teatro deixa de ser uma reprodução da vida social na esfera de sua localidade. A crítica revolverá debalde o escarpelo nesse ventre sem entranhas próprias, pode ir procurar o estudo do povo em outra face; no teatro não encontrará o cunho nacional; mas uma galeria bastarda, um grupo furta-côr, uma associação de nacionalidades.

"A civilização perde assim a unidade. A arte destinada a caminhar na vanguarda do povo como uma preceptora, — vai copiar as sociedades ultra-fronteiras." (II, pág. 17, 1859.)

... "o tradutor dramático, espécie de criado de servir que passa, de uma sala a outra, os pratos de uma cozinha estranha." (II, pág. 16, 1859.)

19 — A LITERATURA DE VIAGENS

..... "Tanto é verdade que o escritor não deve ser açodado em aparecer de continuo nas suas narrativas, que o próprio Chateaubriand lá diz no prefácio — que o desculpem de **falar muitas vezes de si, mas é que não intentava dar aquelas páginas à publicidade.**" (I, págs. 57-58, 1863.)

"Devo dizer que sou em extremo exigente: não quero perder de vista o viajante de modo tal que o livro me pareça romance; nem tê-lo tão presente que me faça crer que estou lendo uma auto-biografia. Quero o viajante em um meio termo, desaparecendo, quando é a vez da natureza, dos costumes, ou dos fatos, e aparecendo quando se torna preciso apreciá-los ou explicá-los." (I, pág. 57, 1863.)

"Esta última observação é tôda em louvor da obra do sr. Zaluar. Os que gostam de sentir os influxos da poesia, que as florestas de nossa terra oferecem, lá encontram, com que satisfazer o espírito; mas, atravessando rapidamente os municípios da província de S. Paulo, o poeta nunca perde de vista o fim e a causa da viagem." (I, págs. 58-59, 1863, s/ **Peregrinações pela província de São Paulo**, de A. E. Zaluar.)

20 — A FUNÇÃO DO HISTORIADOR

"O pensamento do sr. Homem de Melo é altamente patriótico. Ele quer liquidar imparcialmente o passado para tornar mais fácil o inventário das nossas coisas aos historiadores do futuro. É difícil a tarefa, nem o sr. Homem de Melo dissimula: julgar a frio os homens de quem parece ouvir-se ainda os passos no caminho do nosso passado político, violentar as nossas afeições, modificar as nossas antipatias, é uma obra de consciência e de coragem, digna e honrosa, é certo, mas nem por isso fácil de empreender.

"Compenetrado desta verdade, o sr. Homem de Melo procura e consegue evitar o perigo. Para esse resultado, em que toma parte a consciência do escritor, tenho para mim que contribui no seu tanto a índole do homem.

"É o sr. Homem de Melo de natural frio e meditativo. Parece que tem medo à precipitação e à involuntariedade, medo que sempre foi uma das primeiras virtudes do historiador." (I, págs. 46-47, 1863.)

21 — QUALIDADES DO PENSAMENTO

"Pensamentos valem e vivem pela observação exata ou nova pela reflexão aguda ou profunda; não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça do dizer." (I, pág. 303, 1906.)

22 — O TRABALHO E A COOPERAÇÃO LITERÁRIOS

..... "Ainda bem! o trabalho é sempre fecundo — a arte pede sempre sacrifícios!" (II, pág. 115, 1859.)

..... "Compreendeu que a arte é uma cruzada onde o ósculo recíproco alenta a coragem comun." (II, pág. 108, 1859.)

"Eu gosto de ver estes sentimentos de fraternidade em uma época que levantou o egoísmo por dogma. Aprecio essa comunhão de espíritos, que é por ventura a religião da arte." (II, pág. 108, 1859.)

III — CONCLUSÃO — IMPORTANCIA DA CRÍTICA DE MACHADO DE ASSIS

Terminada a leitura das principais idéias críticas de Machado de Assis, achamos que ficam justificadas opiniões expendidas ao apreciarmos o crítico, na primeira parte deste trabalho. Não resta dúvida que um dos pontos de partida, talvez o mais importante, para o estudo de Machado de Assis como escritor, isto é, romancista, contista, cronista, teatrólogo e poeta, é a crítica que êle escreveu e da qual a maior e a melhor parte se acha reunida nos dois volumes já citados — *Crítica literária* e *Crítica teatral*.

Vemos que através da crítica, Machado de Assis expôs as suas idéias fundamentais, datadas principalmente do início de sua formação, sobre estética literária e a atividade literária, e deixou traçado o perfil do escritor que êle mesmo o foi.

Vemos também — e em parte já ficou dito — que o que norteou toda a crítica machadiana foram as virtudes da honestidade e da sinceridade aliadas à coerência e ao bom gosto. Daí porque, ao criticar qualquer obra — e de preferência as de escritores novos — antes de apreciá-la, procurava conhecer a produção literária anterior do escritor estudado, levado, como o era, pela preocupação de ressaltar qualidades ou defeitos de formação.

Na apreciação e julgamento da obra de arte, sempre admitiu que um de seus elementos fundamentais é a forma perfeita, vernácula, definida dentro da tradição da língua, para exata expressão deste outro elemento igualmente fundamental que é o conteúdo elevado. E, para Machado de Assis, conteúdo elevado era aquele que, evitando a vulgaridade, as minúcias e os pormenores desnecessários, estava de acordo com uma verdade moral, sinceramente exprimia um estado d'alma, uma emoção, um ideal de participação. Por isto, além desses dois elementos: forma correta e conteúdo elevado, ambos em perfeito equilíbrio, ainda exigia da obra de arte emoção e sinceridade. Para o escritor atingir esse ideal de arte, devia, quando consciente do seu talento, modesto, sem qualquer vaidade ou auto-suficiência, estudar e trabalhar, so-

bretudo com paciência, porque a ação do tempo é um mestre importantíssimo dos que possuem vocação artística. De fato, só o estudo é a ação do tempo sobre o escritor, apurando-lhe os dotes de talento, podem seguramente conduzir o artista à perfeição.

Foi assim que Machado de Assis, criticando outros escritores, orientando-os, traçou para êle mesmo um programa de trabalho literário cujos princípios fundamentais podemos resumir nas seguintes palavras: aos dotes de talento, o artista deve juntar a atitude coerente, de bom senso, bom gosto e sinceridade, além de estudo e experiência adquiridos com o tempo. O verdadeiro ideal da arte deve ser o de exprimir a vida, idealizando-a ou copiando-a, mas nunca a deformando ao extremo; ela deve sempre ser recriada conforme a uma verdade moral, empregando aqui esta última expressão usada pelo próprio Machado de Assis.

Nestas condições, não é de admirar que Machado de Assis que viveu os últimos momentos do romantismo, a transição e a afirmação de novas tendências literárias, tenha sabido compreender o romantismo que se extinguiu, da mesma forma que o realismo-naturalismo e o parnasianismo que surgiam e se afirmavam, mas de todos condenando os excessos. Aproveitou equilibradamente a experiência de todas as tendências literárias, inclusive a lição dos clássicos. E disto nos vem a perguntar: podemos classificar Machado de Assis dentro de determinada escola literária? Achamos que tal classificação é acima de tudo tarefa inútil e só contribuiria para sacrificar a interpretação segura de uma das mais expressivas e destacadas figuras de nossa literatura.

É verdade que Machado de Assis soube compreender muito bem todas as tendências literárias conhecidas até a sua época. Soube ler, assimilar e aproveitar a experiência de todas essas tendências, notadamente a experiência dos clássicos, tornando-se um dos poucos escritores brasileiros de formação regular e apreciável ou completa. Com o estudo da literatura passada e da contemporânea, com o conhecimento seguro dos grandes mestres da língua portuguesa e dos principais representantes das várias literaturas, Machado de Assis pôde assumir a atitude de escritor ciente e consciente de sua capacidade, coerente, seguro e equilibrado, que, dentro de uma época caracteristicamente de transição, conseguiu evitar os extremos, as reações exageradas, por isto mesmo transitórias ou de momento e também estereis, infensas à realização de uma arte de valor permanente e de significação humana universalista.

O certo é que Machado de Assis estudou os escritores de todas as escolas literárias, sem preferência, sem a pressão deformadora de sectarismo, e, procedendo a uma análise rigorosa das obras lidas, pôde de todas distinguir os elementos estéticos fundamentais e permanentes, pois que, em verdade, o que separa uma escola de outra, pelo menos exteriormente, são os processos técni-

cos e as preferências, quase sempre exageradas, que refletem o espírito ou clima de época.

Mais uma vez repisamos que é tarefa inútil e prejudicial à exata compreensão da obra de Machado de Assis, a de submetê-lo à classificação rígida de escola literária. Considerá-lo romântico ou realista ou parnasiano é sacrificar as características de equilíbrio, coerência e bom gosto, capacidade própria de criação, independência, que em geral apresenta a obra que êle escreveu. Dentro de sua época, e projetando-se no tempo, êle se tornou um escritor de individualidade bem definida, por si só capaz de criar entre nós uma tradição literária, tradição de feição essencialmente brasileira e ao mesmo tempo universalista. Mas, infelizmente, desde que principiamos a nossa autonomia literária, desligando-nos do servilismo literário ou cultural com que a Metrópole refreava as nossas expansões, preferimos ser simples reflexos dos movimentos literários europeus, particularmente franceses, quase sempre importados à pressa e mal assimilados. Em todo caso, temos o consôlo de contar com alguns poucos mestres, como Machado de Assis, embora nem todos gostem de ler nas entrelinhas.

São Paulo, fevereiro de 1951.

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Assistente da Cadeira de Literatura Brasileira
(U.S.P.).